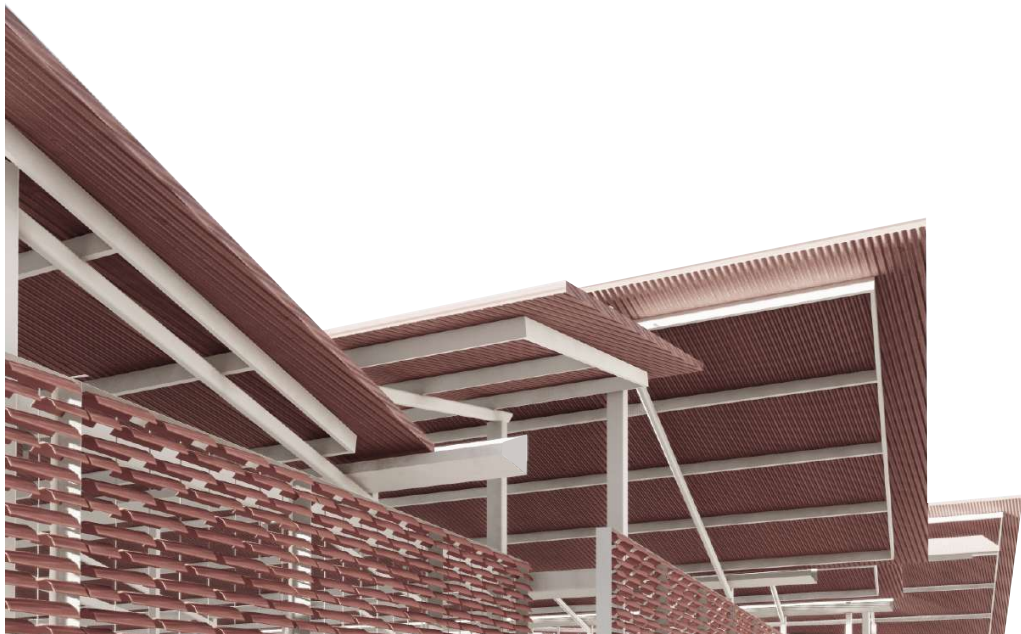


A ARTICULAÇÃO DAS ESPACIALIDADES COMERCIAIS:

uma intervenção no
Mercado Público de Nova
Descoberta.





Universidade Federal de Pernambuco
Centro de artes e comunicação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

A ARTICULAÇÃO DAS ESPACIALIDADES COMERCIAIS: uma intervenção no mercado público de nova descoberta.

Trabalho de Graduação apresentado ao
Departamento de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito para a
conclusão do curso, sob orientação do
Arq. Prof. Paulo Raposo Andrade.

autoria
Renato Aquiles Santos da Silva

orientação
Paulo Raposo Andrade

RECIFE, 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Renato Aquiles Santos da.

A articulação das espacialidades comerciais: uma intervenção no Mercado Público de Nova Descoberta / Renato Aquiles Santos da Silva. - Recife, 2023. 115 : il.

Orientador(a): Paulo Raposo Andrade

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Projeto de arquitetura. 2. Comércio popular. 3. Espaços comerciais. 4. Inclusão social em áreas de morro. 5. Mercado público. I. Andrade, Paulo Raposo. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

AGRA DECI MEN TOS

Agradeço, primeiramente, á minha família.

Á minha mãe e ao meu pai, que fazem respectivamente, o melhor bife de fígado e o melhor café que existe. Obrigado pelo suporte incondicional e companhia.

Agradeço ao meu avô Misso, que me inspirou a estudar arquitetura e a ser a pessoa que eu sou.

Á minha irmã Thaynã e o meu irmão Junior, que são como uma base para mim.

Aos meus tios Mana e Dinho, que são meus amigos. Obrigado pelo suporte, ensinamentos e pelos momentos de alegria que compartilhamos.

Á minha avó Lúcia, tia Lu, tia Dodói, tio Candinho e toda a família que comigo viveu esses últimos anos compartilhando bons momentos.

Á toda a estrutura do curso pré-vestibular Portal UFPE, por ter possibilitado plena e gratuitamente as condições para minha ingresso na universidade pública.

A todes que dividiram comigo a graduação, principalmente Bela, Jéssica, Carol, Dayanne, Tainã, Thales, Junior e Luiz. Vocês abrilhantaram o cotidiano universitário.

A Anna e Lais que foram mais que companheiras de curso. Nossos braços se cruzaram tantas vezes sob o papel manteiga que virou uma corda de caranguejo.

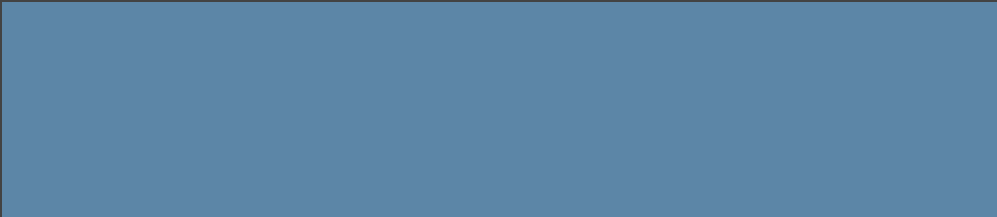
A Paulo Raposo que, em nome de toda a equipe docente do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da UFPE, desempenhou uma orientação bastante precisa e enriquecedora.

Muito obrigado.



Arquitetura não é apenas a construção. É uma forma de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Diébédo Francis Kéré, 2005.



APRE SEN TAÇÃO

O fenômeno do comércio popular, das feiras, do mercado tradicional, das galerias e as demais tipologias e espaços que abrigam dinâmicas comerciais é rico de sentidos e culturas e cumprem uma importante função na criação de sociabilidade.

Apesar disso, esses espaços passaram por um histórico processo de fragmentação que empobreceu o seu poder agregador. A intenção do trabalho é experimentar uma alternativa de espaço, intervindo no Mercado Público de Nova Descoberta, que possa acolher, desenvolver e fortalecer esses usos, práticas e suas relações. Essa concepção visa principalmente reinterpretar as históricas relações estabelecidas com comércio de rua, entendendo como base para a ativação das apropriações espaciais dos centros multiuso da cidade.

Elaborado nas disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II do Curso de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da Universidade Federal de Pernambuco, o presente exercício projetual foi composto por Renato Aquiles sob a orientação do Professor Arquiteto Paulo Raposo Andrade durante os anos de 2022 e 2023.

LISTA DE ILUSTRA ÇÕES

- F01 | Área comercial em Nova Descoberta: Fonte: Autoral, 2023. 21
- F02 | Área comercial em Nova Descoberta. Fonte: Autoral, 2023. 22
- F03 | Estabelecimento comercial em Recife, em 1820. Fonte: Johann Moritz Rugendas. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Recife_brazil_rugendas.jpg> 24
- F04 | Largo da Alfândega. Fonte: Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <https://memoriaescravidaope.wordpress.com/tag/paco-alfandega/&sa=D&source=docs&ust=1694902040223885&usg=AOvVaw0mWZMnSt3qPj_YI-UXqrr8> 26
- F05 | Venda de frutas no Cais da Regeneração, hoje Rua Martins de Barros. Fonte: Edvaldo Arlego, 1987. Disponível em: <<https://velhoshabitosdotcom.wordpress.com/2015/03/15/acervo-recife-um-album-de-familia/>> 28
- F06 | Vista do pátio da Penha, 1863. Fonte: Luis Schlappriz. Disponível em: <<https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18543/vista-do-pateo-da-penha-mercado-de-verduras>> 30
- F07 | Antigo Mercado Modelo Coelho Cintra (Mercado do Derby). Fonte: Francisco Du Bocage. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PernambucoArcaico/photos/a.270572493063279/3953692801417878/?type=3>> 31
- F08 | Galeria d'Orléans, 1840. Fonte: Theodor Josef Hubert Hoffbauer. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Galerie_d%27Orl%C3%A9ans_en_1840.jpg> 33
- F09 | Galeria Vittorio Emanuele II, 1880. Fonte: Attilio Scrocchi. Disponível em: <https://it.wikipedia.org/wiki/File:Galleria_Milano_%281880%29.jpg> 33

F10 Avenida Guarapes, 1950. Fonte: IBGE. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=440590&view=detalhes >	34
F11 Edifício Santo Antônio, 1960. Fonte: Escritório Acácio Gil Borsói. Disponível em: < http://acacio-gilborsoi.com.br/projetos/anos-60/edificio-santo-antonio/ >	35
F12 Hiper Center Bompreço em Natal-RN, 1980. Fonte: RN/Econômico. Disponível em: < https://brechando.com/2019/05/24/como-era-o-hiper-bompreco-nos-anos-80/ >	35
F13 Primeira etapa do Shopping Center Recife, 1980. Fonte: Alcir Lacerda. Disponível em: < https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2014/03/12/fotografias-historicas-de-alcir-lacerda-shopping-recife/index.html >	36
F14 e 15 Projeto para cobertura da Rua da Imperatriz, 1998. Fonte: Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural, Secretaria de Cultura, Prefeitura da Cidade do Recife.	37
F16 e 17 Fachada e interior do Markthal Rotterdam, 2014. Fonte: Maria Gonzalez. Disponível em: < https://www.archdaily.com.br/br/758495/markthal-rotterdam-mvrdv&sa=D&source=docs&ust=1694900961230576&usg=AOvVaw1nkRRBSPQPmVQwfeJJkDJt >	39
F18 Diagrama de composição, 2014. Fonte: MVRDV. Disponível em: < https://www.mvrdv.com/projects/115/markthal&title?photo=16330 >	40
F19 Vista do prédio e da praça frontal, 2014. Fonte: MVRDV. Disponível em: < https://www.mvrdv.com/projects/115/markthal&title?photo=16330 >	40
F20 Interior do Mercado Encants, 2013. Rafael Vargas. Disponível em: < https://www.publicspace.org/works/-/project/h078-mercat-dels-encants >	41
F21 Integração espacial do Mercado Encants com a área externa, 2013. Rafael Vargas. Disponível em: < https://www.publicspace.org/works/-/project/h078-mercat-dels-encants >	41
F22 Vitrines do Mercado Encants. Rafael Vargas. Disponível em: < https://www.publicspace.org/works/-/project/h078-mercat-dels-encants >	42
F23 Corte do Mercado Encants. Fonte: b720 Fermin Vazquez Arquitectos. Disponível em: < https://www.publicspace.org/works/-/project/h078-mercat-dels-encants >	42
F24 Interior do DADFA, 2020. Fonte: w-workspace. Disponível em: < https://www.architectural-review.com/buildings/dadfa-market-in-bangkok-thailand-by-m-space >	43

F25 Fachada do DADFA, 2020. Fonte: w-workspace. Disponível em: < https://www.architectural-review.com/buildings/dadfa-market-in-bangkok-thailand-by-m-space >	43
F26 Interior do DADFA. Fonte: w-workspace. Disponível em: < https://www.architectural-review.com/buildings/dadfa-market-in-bangkok-thailand-by-m-space >	44
F27 Lanchonetes na fachada lateral do Mercado de Casa Amarela. Fonte: Autoral, 2023.	45
F28 Fachada do Mercado da Boa Vista, 2023. Fonte: Ed Machado/Folha de Pernambuco. Disponível em: < https://www.folhape.com.br/especiais/mercado-da-boa-vista-e-parada-obrigatoria-para-quem-gosta-de-comida/266474/ >	45
F29 Pátio aberto do Mercado da Boa Vista 2023. Fonte: Ed Machado/Folha de Pernambuco. Disponível em: < https://www.folhape.com.br/especiais/mercado-da-boa-vista-e-parada-obrigatoria-para-quem-gosta-de-comida/266474/ >	45
F30 Interior do Mercado da Torre, 2020. Fonte: Ed Machado/Folha de Pernambuco. Disponível em: < https://www.folhape.com.br/especiais/mercado-da-boa-vista-e-parada-obrigatoria-para-quem-gosta-de-comida/266474/ >	45
F31 Fachada do Mercado Eufrásio Barbosa, 2018. Fonte: Foto: Arquimedes Santos/Prefeitura de Olinda. Disponível em: < https://www.olinda.pe.gov.br/cultura-de-olinda-ganha-reforco-com-a-reabertura-do-mercado-eufrasio-barbosa/ >	46
F32 e 33 Atividades realizadas no Mercado Eufrásio Barbosa, 2022. Fonte. Centro Cultural Eufrásio Barbosa.	46
F34 Vista para a R. Nova Descoberta. Fonte: Autoral, 2023.	48
F35 Rua de mocambos. Fonte: Alexandre Bersin/Museu da Cidade do Recife. Disponível em: < https://jc.ne10.uol.com.br/canal/politica/pernambuco/noticia/2016/08/14/prefeitos-do-recife-na-luta-contra-os-mocambos--248535.php >	50
F36 Fábrica de Tecido do Cotonifício Othon Bezerra de Mello. Fábrica de Apipucos (Macaxeira), 1941. Fonte: Revista O Cruzeiro/BN. Disponível em < https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1450291461778066/3022534551220408/ >	51
F37 Largo Dona Regina. Autoral, 2023.	52
F38 MPND e seu entorno. Fonte: Google Earth adaptado pelo autor, 2023.	55

F39 Trecho da edição 00177 do jornal Diário de Pernambuco, 1976. Fonte: Hemeroteca Digital.	56
F40 Trecho da edição 00237 do jornal Diário de Pernambuco, 1984. Fonte: Hemeroteca Digital.	56
F41 Fachada do MPND, 2013. Fonte: Google Earth.	57
F42 Fachada do MPND, 2016. Fonte: Google Earth.	57
F43 Vista interior de uma das entradas do MPND. Fonte: Autoral, 2023.	58
F44 Vista do interior do MPND. Fonte: Autoral, 2023.	59
F45 Vista da fachada leste do MPND. Fonte: Autoral, 2023.	60
F46 Sobreposição de cobertas do MPND. Fonte: Autoral, 2023.	60
F47 Vista lateral da Feira Nova de Nova Descoberta. Fonte: Autoral, 2023.	62
F48 Fachada da FNND, após intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	63
F49 Interior da FNND, após intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	63
F50 Vista da entrada da R. Teolândia, entre a FNND e os blocos de lojas do MPND, após intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	63
F51 Fachada leste da FNND, após intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	64
F52 Aproximação da estrutura da cobertura da FNND, após intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	64
F53 Vista da entrada da R. Teolândia, entre a FNND e os blocos de lojas do MPND, após intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	65
F54 Aproximação da fachada do MPND, após intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	65
F55 Vista do Estacionamento e fachada da MPND, após intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	65
F56 Vista frontal dos blocos de lojas do MPND, após a intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	66
F57 Aproximação dos boxes de lojas do MPND, após a intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	66
F58 Vista do corredor de acesso às lojas da MPND, após intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	66
F59 Vista lateral dos blocos de lojas do MPND, após a intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	67

F60 Aproximação dos blocos de lojas do MPND, após a intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	67
F61 Aproximação de bar do MPND, após a intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	67
F62 Vista interior da FNND. Fonte: Autoral, 2023.	68
F63 Foto de perspectiva apresentada na placa de obra instalada no canteiro de obras de requalificação do MPND. Fonte: Autoral, 2023.	70
F64 Área em requalificação sendo apropriada por comerciantes para disposição de mesas de bares. Fonte: Autoral, 2023.	71
F65 Vista da fachada, estacionamento e entorno do MPND, após intervenção. Fonte: Autoral, 2023.	73
F66 Alexandrina e a Sua Cidade. Fonte: Carybé, 1944. Disponível em: < https://www.bolsadearte.com/oparalelo/historias-mesticas/carybe-alexandrina-e-sua-cidade-1944-oleo-sobre-tela-110-x-80-cm-gentileza-galeria-sur >	76
F67 e 68 Grande núcleo, Hélio Oiticica. Fonte: David A. Brown. Disponível em: < http://legacy.icnetworks.org/extranet/enciclopedia/ho/index.cfm?fuseaction=Detalhe&pesquisa=simples&CD_Verbete=4374 >	77
F69 Artigos de feira. Fonte: Autoral, 2023.	78
F70 Colagem de Enric Miralles. Fonte: Fundação Enric Miralles. Disponível em: < https://diariodesign.com/2021/04/homenaje-a-miralles-perpetuando-su-legado/ >	79
F71 Coberta da Praça Maior, em Parets del Vallés. Fonte: Fundação Enric Miralles. Disponível em: < http://intranet.pogmacva.com/es/obras/43332 >	79
F72 Reimaginação das articulações espaciais e relações sociais de diferentes tipologias comerciais. Fonte: Autoral, 2023.	80
F73 Cadência, escala e estrutura urbana do topo do Alto do Resplendor, em Recife. Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor, 2023.	81
F74 MPND inserido no contexto urbano. Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor, 2023.	82
F75 Fachada do MPND. Fonte: Autoral, 2023.	82
F76 Integração entre os espaços internos do mercado e o seu contexto. Fonte: Autoral, 2023.	87

F77 Diferentes formas de comercialização interagem no interior do mercado. Fonte: Autoral, 2023.	91
F78 Interligação entre o bloco de lojas e a feira. Fonte: Autoral, 2023.	92
F79 Estande de tiro com arco olímpico. Fonte: Arquitectura Catalana. Disponível em: < www.arquitecturacatalana.cat/en/works/installacions-de-tir-amb-arc >	93
F80 Paineis da fachada. Fonte: Autoral, 2023.	94
F81 Sobreposição de desenhos a mão de detalhe do painel. Fonte: Autoral, 2023.	94
F82 Paineis vazados da Tile Nest House, por H&P Architects. Fonte: Archdaily, 2021. Disponível em: < www.archdaily.com/1000475/tile-nest-house-h-and-p-architects >	95
F83 Fachada leste. Fonte: Autoral, 2023.	96
F84 Vista lateral. Fonte: Autoral, 2023.	97
F85 Vista lateral. Fonte: Autoral, 2023.	98
F86 Esquina com as ruas Nova Descoberta com Teolândia. Fonte: Autoral, 2023.	99
F87 Fachada da R. Nova Descoberta. Fonte: Autoral, 2023.	100
F88 Fachada da R. Nova Descoberta. Fonte: Autoral, 2023.	101
F89 Fachada da R. Teolândia. Fonte: Autoral, 2023.	102
F90 Pátio Multiuso. Fonte: Autoral, 2023.	102
F91 Pátio Multiuso. Fonte: Autoral, 2023.	103
F92 Passarela suspensa. Fonte: Autoral, 2023.	103
F93 Pátio Multiuso visto do mezanino. Fonte: Autoral, 2023.	103
F94 Bloco de lojas. Fonte: Autoral, 2023.	104
F95 Lojas do pavimento superior. Fonte: Autoral, 2023.	104
F96 Mezanino. Fonte: Autoral, 2023.	104
F97 Entrada principal. Fonte: Autoral, 2023.	105
F98 Lateral da fachada oeste. Fonte: Autoral, 2023.	106
F99 Lateral da fachada sul. Fonte: Autoral, 2023.	107
F100 Vista geral. Fonte: Autoral, 2023.	108

LISTA DE MAPAS

M01 Mapa de localização de Recife, ZEIS Casa Amarela e Nova Descoberta. Fonte: Autoral, 2023.	52
M02 Síntese urbanística da microrregião formada por Nova Descoberta, Vasco da Gama e Brejo de Beberibe. Autoral, 2023.	53
M03 Zoneamento do recorte central do eixo comercial de Nova Descoberta. Fonte: Autoral, 2023.	54
M04 Zoneamento atual do MPND. Fonte: Autoral, 2023.	61
M05 Síntese espacial e manejo do estudo. Fonte: Autoral, 2023.	72
M06 e 07 Zoneamento do Térreo e Superior da proposta. Fonte: Autoral, 2023.	90

LISTA DE GRÁFI COS

G01 | Respostas de questionário aplicado a comerciantes e clientes. Fonte: 69
Autorial, 2023.

G02 | Respostas de questionário aplicado a comerciantes e clientes. Fonte: 70
Autorial, 2023.

LISTA DE DIAGRA MAS

D01 Características sócio-territoriais do bairro de Nova Descoberta. Fonte: IBGE, 2010.	52
D02 Diagrama de usos. Fonte: Autoral, 2023	61
D03 Volume existente. Fonte: Autoral, 2023.	83
D04 Divisão entre manutenção, realocação e expansão. Fonte: Autoral, 2023.	83
D05 Volume de realocação dos blocos. Fonte: Autoral, 2023.	83
D06 Suspensão dos blocos. Fonte: Autoral, 2023.	83
D07 União dos blocos. Fonte: Autoral, 2023.	83
D08 Liberação do térreo central. Fonte: Autoral, 2023.	83
D09 Integração com a FNND. Fonte: Autoral, 2023.	84
D10 Expansão da feira. Fonte: Autoral, 2023.	84
D11 Realocação do volume superior. Fonte: Autoral, 2023.	84
D12 Ocupação do mezanino. Fonte: Autoral, 2023.	84
D13 Ocupação do mezanino. Fonte: Autoral, 2023.	84
D14 Volumes puros. Fonte: Autoral, 2023.	85
D15 Planos de recorte. Fonte: Autoral, 2023.	85
D16 Aproximação da rua. Fonte: Autoral, 2023.	85
D17 Integração entre rua e interior do mercado. Fonte: Autoral, 2023.	85
D18 Descolamento da coberta. Fonte: Autoral, 2023.	85

D19 Integração entre a cobertura N/S e L/O. Fonte: Autoral, 2023.	86
D20 Superfícies descoladas permitem a ventilação natural. Fonte: Autoral, 2023.	86
D21 Alocação de placas fotovoltaicas. Fonte: Autoral, 2023.	86
D22 Sistema de aproveitamento de águas pluviais. Fonte: Autoral, 2023.	86
D23 Relação entre uso e espacialidade compõem uma integração interna e externa. Fonte: Autoral, 2023.	88
D24 Flexibilidade do pátio multiuso. Fonte: Autoral, 2023.	89
D25 Materiais e sistemas construtivos. Fonte: Autoral, 2023.	93
D26 Diagrama explodido estrutural. Fonte: Autoral, 2023.	93
D27 Esquemas 01 e 02 da interface do painel vazado com a estrutura metálica. Fonte: Autoral, 2023.	95

LISTA DE ABRE VIA TURAS

ABREVIATURA

DEFINIÇÃO

MPND

Mercado Público de Nova Descoberta

FNND

Feira Nova de Nova Descoberta

SU MÁ RIO

1	INTRODUÇÃO	21
2	RECIFE MASCATE	24
3	PANORAMA HISTÓRICO	27
	3.1 DA FEIRA AO MERCADO	27
	3.2 DA GALERIA AO SHOPPING	32
4	EXEMPLOS CONTEMPORÂNEOS	38
	4.1 MARKTHAL ROTTERDAM	39
	4.2 MERCADO ENCANTS	41
	4.3 CENTRO COMERCIAL COMUNITÁRIO DADFA	43
	4.4 CASOS NO CONTEXTO PERNAMBUCANO	45
5	UM BAIRRO E UM MERCADO	47
	5.1 A FORMAÇÃO DO BAIRRO DE NOVA DESCOBERTA	49
	5.2 O MERCADO PÚBLICO DE NOVA DESCOBERTA	56
	5.3 DIAGNÓSTICO	60
6	PROJETO	74
	6.1 CONCEPÇÃO VOLUMÉTRICA	83
	6.2 PROGRAMA	88
	6.3 ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS - GUÍA DO PISO	92
	6.4 ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS - ESTRUTURA	93
	6.5 ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS - PAINEL VAZADO	94
	6.6 PERSPECTIVAS	96
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
8	REFERÊNCIAS	111
9	CADERNO DE DESENHOS	115

1. INTRO DU ÇÃO

Cada cidade reflete as comunidades que nela se abrigam. Isso é percebido porque o espaço urbano, mesmo quando não concebido ou guiado pelos arquitetos e urbanistas, não é apenas uma teoria ou um objeto, mas, antes disso, é o sentido que origina os lugares. Um volume, seja ele cheio ou vazio, jamais definirá por si só um lugar, mas, na verdade, é o que pode iniciar o seu processo de definição. Dessa maneira, a relação, a vivência, a sensação e a dinâmica é que inicia ou recupera uma cultura. É nesse movimento, no encontro e, principalmente na troca de experiências e sentidos, que se encontra o mais intenso poder da arquitetura.

Esse fato se revela a cada momento, visto que os elementos espaciais, os lugares e suas características estão sempre em frequente renovação, acompanhando as transformações sociais que os acometem. Fernando Fuão (2004) afirma que “o espaço não é uma realidade rígida e válida para todos. Ele em si é tão plástico e imaterial como o próprio tempo, variando com os indivíduos, com os

povos, com as épocas, e, principalmente, com os pontos de vistas”.

Nesse sentido, as vivências e culturas fazem o espaço ser também um reflexo das suas mazelas e paradoxos. O tão primitivo evento da troca material, o comércio, é uma das vivências que mais influenciaram a composição espacial dos lugares. Ele pode tanto requerer determinados elementos próprios, como também se apropriar de qualquer espaço e reconfigurá-lo totalmente a partir do nada, ou, na verdade, do vazio. Por essa forte capacidade transformadora e principalmente pelo seu poder de concentração de capital, os espaços comerciais foram também condicionados pela dominação de classe e nos seus efeitos segregacionistas, para além da celebração da troca como acesso a alimentos, cultura de uma

comunidade e do acesso à informação e à vivência social.

O desenvolvimento das metrópoles brasileiras, ademais, tem demonstrado diversas fragmentações socioespaciais que rompem laços comunitários a cada momento. Esse efeito imprimiu na arquitetura e nos centros sociais uma série de situações que provocaram o isolamento de espaços, edifícios e pessoas, empobrecendo a pluralidade que os centros urbanos podem dispor, em nome da funcionalidade ou questões sociopolíticas. O resultado, muitas vezes, é o estabelecimento da cidade como um conjunto de ilhas residenciais, comerciais e institucionais que, apesar de serem compostas de signos e materialidades genéricas e comuns entre si, não formam uma malha urbana coesa.

Como afirma Giroto (2010),



F02 | Área comercial em Nova Descoberta

“O esvaziamento do sentido comunitário na metrópole atual desata os laços que unem a imagem da cidade ao imaginário do cidadão; desestimula a criação de novos símbolos comuns; enfraquece a mensagem dos já existentes. Os dispositivos simbólicos que articulam o discurso da cidade e conformam a percepção sobre ela se desagregam, se confundem, e encontram na cidade “sem rosto” um novo ponto a partir do qual reorganizar-se. A característica cambiante, aclamada como nova imagem da urbe moderna e pragmática não logra, contudo, estabelecer a desejada relação de reconhecimento e afetividade do cidadão para com a cidade.” (Giroto, 2010)

Esse cenário desperta o interesse de se imaginar a inversão desse panorama, ou melhor, das apropriações desses lugares, experimentando não apenas como uma conciliação espacial poderia subverter o histórico segregacionista a qual o espaço do comércio foi submetido, mas também estimular novas dinâmicas sociais que potencializam o comércio tradicional e contemporâneo. Além de assentar um diálogo entre as tipologias de mercado, feira e galeria comercial, a intenção é também experimentar conciliar os usos, delineando uma colaboração entre suas dinâmicas socioeconômicas.

Como resultado da investigação, propõe-se uma intervenção no Mercado Público de Nova Descoberta, considerando como o território onde encontra-se o mercado

hoje é plural, abundante e em crescimento, capaz de condicionar o projeto às demandas urgentes suficientes para um protótipo contribuinte para o grande debate sobre o desenvolvimento de comunidades marginalizadas.

Diante desse interesse, o debate percorre o caminho do reconhecimento das configurações espaciais tradicionais e contemporâneas a fim de elaborar um memorial representativo daquilo que é a produção desse tipo de espaço ao decorrer tempo e nas diferentes localidades do mundo. Assim, discute-se, de início, a intrínseca relação que o município de Recife estabeleceu com o comércio; compõe-se um panorama histórico dos espaços comerciais, monta-se uma perspectiva de novas experiências arquitetônicas e de ocupações para, por fim, apresentar o contexto local escolhido e desenvolver uma proposta arquitetônica alternativa de conciliação espacial.

O anteprojeto de arquitetura do Mercado Público de Nova Descoberta (MPND) é um desfecho que busca representar arquitetonicamente como um espaço inserido em um território formado pelo conjunto de grupos sociais marginalizados pode transformar suas mazelas em capacidade de intensa simbologia social. Além do desenvolvimento sustentável comunitário, o reconhecimento das características culturais de um território deve ser a base do planejamento urbanístico e arquitetônico.

2. RECIFE MAS CATE

Mesmo antes de se tornar cidade, a área que hoje é denominada por Recife, em razão de ser uma cidade-porto por natureza, já desempenhava um importante papel como passagem de produções e extrações de toda a capitania. Durante a dominação portuguesa, a área conquistou o feito de comportar o porto mais importante das Américas e o crescimento dessas atividades fez a cidade se desenvolver ao redor de uma dinâmica de intercâmbio de produtos e culturas, típica das regiões portuárias, e evoluiu a partir disso.

Por ter atraído a migração de pessoas geralmente de origem humilde e não-nobre da metrópole portuguesa (MELLO, 2003, p. 144), a cidade nasceu, em sua maior parte, do conjunto de pessoas de diferentes países **(F03)** que vieram construir suas riquezas aproveitando-se da atividade intensa que se formava pelo sucesso do porto. A dinâmica



F03 | Estabelecimento comercial em Recife, em 1820.

comercial nasce, portanto, com fortes traços ibéricos, fruto da influência cultural que impunha, na época. Suas características também foram antes influenciadas pelos árabes e mulçumanos desde o final do século IIX e permanece assim nas cidades brasileiras até os dias atuais, tendo sofrido também influências de grupos africanos (MASCARENHAS, 2008, p.75)

Essa classe comercial conseguiu concentrar bastante força econômica e política, diante do crescimento do porto, o que provocou embates com o poder dominante: Olinda. A então capital da capitania de Pernambuco era rica pela forte produção de açúcar e se negava a perder poder para o recém formado poder econômico que os mascates - apelido pejorativo dado pelos Olindenses - representavam.

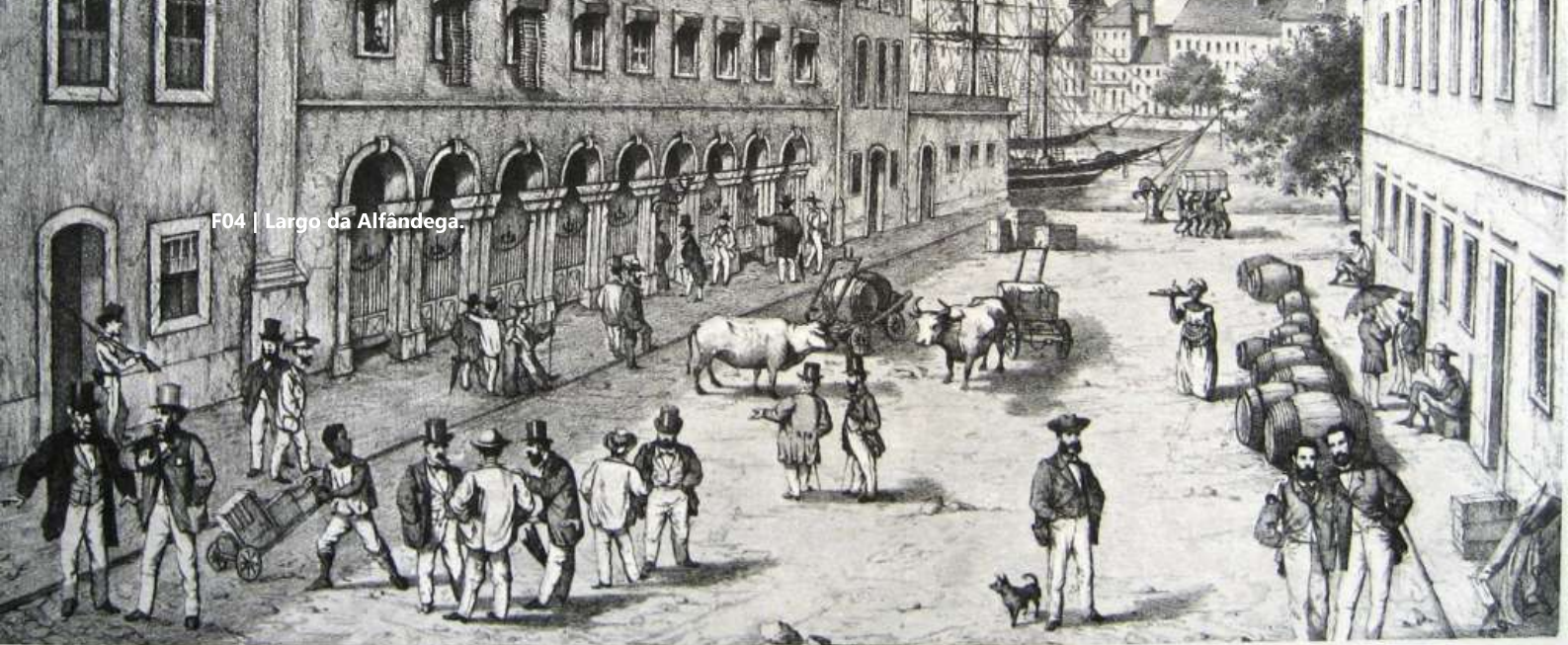
Com a crise do açúcar, no entanto, a influência dos mascates cresceu sobre a dos nobres produtores da cana, que resistiam em ceder aos interesses do povoado que vivia ao redor do porto. Esse conflito, conhecido como a Guerra dos Mascates, se desenvolveu entre revoltas armadas e investidas políticas e só findou-se quando um governador determinado pela Coroa investigou e condenou os insurgentes

de Olinda e elevou definitivamente Recife à condição de Vila (MELLO, 2003, p. 411). Esse conflito, embora tendo sido travado entre classes mais nobres e nos primórdios da ocupação recifense, revela o início da importante atuação que os comerciantes desempenharam na cidade.

Ao decorrer do tempo, as condicionantes geográficas em relação ao nordeste; a herança histórica culminada com a abolição da escravatura e; o desequilíbrio entre oferta e demanda de mão de obra condicionou esse panorama de forte evolução comercial que o centro da cidade do Recife desenvolveu (ARAÚJO, 2012, p. 30-31) e consolidou a "Cidade dos Mascates" (Bompastor, 1994). Recife passou a ser considerada como o maior polo populacional e comercial do período colonial.

Anos mais tarde, o crescimento populacional e principalmente territorial no sentido norte, fez surgir a demanda por comerciantes ambulantes **(F04)**. Esse grupo de vendedores eram o que supriam a falta de infraestrutura de transporte e a alta demanda por produtos nas novas ocupações. É nesse contexto que começam a surgir os





F04 | Largo da Alfândega.

aglomerados de comerciantes, apropriando o espaço público com seus produtos. Esses aglomerados, ou as feiras, logo tomaram parte da paisagem da cidade e viraram objeto de ações políticas e sociais que implicaram uma série de efeitos colaterais na cidade. Nesse contexto, os mercados surgem redefinindo a relação entre as feiras e a estrutura urbana.

Séculos mais tarde, questões econômicas e sociais impõem um declínio da dupla feira-mercado, ao mesmo tempo que as galerias comerciais ascendem nos bairros nobres e os shopping centers se estabelecem como os mais lucrativos conjuntos não apenas comerciais, mas de serviços e lazer da cidade. Veremos como se deu o desenvolvimento desses atores a seguir.

3.

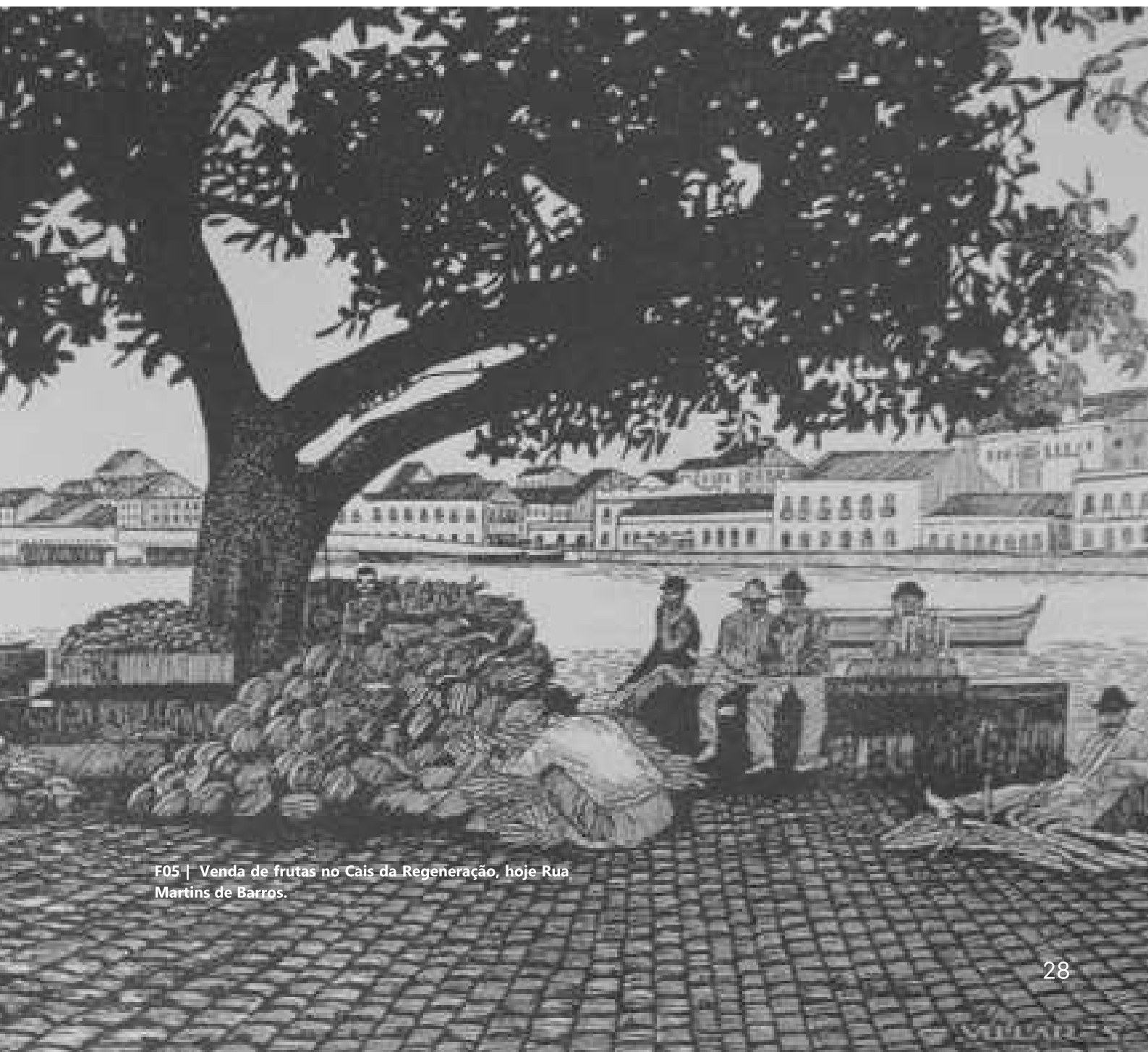
PANO RAMA HISTÓ RICO

Os quase 500 anos de sobreposição de culturas nativas e imigrantes fazem de Recife um verdadeiro bordado de retalhos diversos e em constante movimento. Diante dessa grande diversidade de apropriações, a cidade apresenta em sua trajetória diferentes organizações espaciais de comercialização que refletem as demandas de cada época e revezam entre somar ou suprimir uma às outras, em um jogo cíclico de conflitos. Nesse panorama, alguns agentes se destacam como os mais consolidados conglomerados comerciais da cidade.

3.1. Da feira ao mercado

A feira é o ambiente mais tradicional e resiliente de comércio. A sua formação remonta os tempos coloniais, porém, sobrevive até os dias atuais. Sua presença na paisagem do Recife foi se consolidando concomitante às políticas de controle urbano que tentavam suprimir sua existência, em nome da salubridade e organização. Essas tentativas culminaram na criação de soluções organizadas fechadas e limitadas, os mercados, como veremos a seguir.

As feiras sempre estiveram relacionadas ao espaço público. Elas, quase predominantemente, surgem gradativamente em ruas e outros espaços abertos à medida que se percebe um fluxo de pessoas. Os ambulantes, a partir disso, vão ocupando os espaços mais estratégicos e formando fileiras ou grupos de barraquinhas, carroças ou até mesmo simples caixotes no chão **(F05)**. É nessa facilidade de



F05 | Venda de frutas no Cais da Regeneração, hoje Rua Martins de Barros.

instalação que a feira consegue lentamente criar uma rede sólida de dinâmicas comerciais até que se crie seu próprio espaço, organização e mercados.

Por essa característica, as feiras sempre foram agentes subversivos as leis de diversas autarquias públicas. As recorrentes visões higienistas e “progressistas” tentaram regradar as organizações comerciais espontâneas, em nome da limpeza, prevenção de doenças ou em razão da paisagem ou beleza urbana. Bompastor (2004) revela, sobre as imposições que os ambulantes sofriam no início do século XIX, que:

“o ponto central que leva a municipalidade a tentar disciplinar e reprimir o comércio ambulante passou a ser a visão de que este tipo de atividade se chocava diretamente com os padrões de “beleza”, “civilização” e “desenvolvimento urbano” da época, além do fato da concorrência que ele estabelecia com setores do comércio formal da cidade.” (Bompastor, 2004)

Somado a isso, nessa época, as ruas do Recife eram, além de passagem, lugares de depósito dos dejetos dos seus residentes. A insalubridade condenava os grupos de ambulantes, uma vez que o comércio dos produtos acontecia nos espaços públicos. A presença do esgoto a céu aberto era o maior conflito, além disso, muitos animais soltos pela cidade e outras atividades agravam a problemática. Sette afirma que,

“As vendedoras de bolos ou tapiocas sentam-se em plena via pública (...) veêm-se com fartura cabras, porcos, cavalos à solta. Um raro ônibus a luar dobra uma esquina. As pontes são de madeiras (...) negros carregam nas barricas mal cheirosas (tigres) os dejetos humanos (...) tomara-se usual despejar (as águas servidas) de varanda abaixo, quando se vive em sobrado (...), o lixo é enterrado no fundo dos quintais ou atirado pelos escravos à maré (...). (Sette, 1978. *apud* Bompastor, 1994)

Esse cenário levou as autoridades a definirem regras de horários de funcionamento e de territórios de ocupação aos comerciantes ambulantes que, a partir de então, estariam proibidos de comercializar qualquer produto nas ruas ou fora dos locais definidos pelas autoridades (Bompastor, 1994). Esses locais apontados pelas autoridades, portanto, são os embriões dos mercados públicos.

O Mercado da Polé, na área onde hoje localiza-se a Praça do Diário, foi criado para ser um conjunto de lojas que receberam os comerciantes que antes ocupavam a Ponte do Recife, atual Ponte Maurício de Nassau (Bompastor, 2004). Esse momento consolida o início da criação dos mercados, que, na época, configuravam feiras abertas descobertas, como solução para a concentração de comerciantes.

A partir do pátio aberto delineado pelas construções ao redor (**F06**),

F06 | Vista do pátio da Penha, 1863.



surge a necessidade de se cobrir esses espaços devido ao “aumento numérico de mercados para abastecer uma população que crescia e se urbanizou fortemente e a preocupação com as questões sanitárias dos espaços de mercados abertos” (VARGAS, 2001, p. 160 apud Bompastor, 2004))

Foi nesse ínterim que iniciaram as construções dos mercados públicos, tendo a inauguração do Mercado de São José (1875) e do Mercado do Derby (1899) **(F07)** como uma das mais importantes marcas do que seria essa nova forma de comercialização.

Apesar do Mercado de São José ter sido um forte marco histórico para a cidade, além de ser construído onde antes existia o Mercado da Ribeira, especializado na venda de peixes, Mercado o do Derby destacou-se por um novo mercado pensado para abrigar não apenas o uso comercial, mas também de lazer e alimentação (Bompastor, 2004).

Com passar dos anos, os mercados se estabeleceram e passaram a definir ou legitimar o corredor comercial dos subúrbios. As autoridades adotaram essa solução como uma política de controle urbano e a história se repetia. Ou seja, a partir do aglomerado de comerciantes na feira, nascia o mercado público daquela região. Assim foi também com o Mercado de Casa Amarela, Água Fria, Madalena e Beberibe, por exemplo.

Apesar da criação dos espaços destinados aos boxes comerciais e às feiras, essa tipologia demonstrou-se insuficiente para a demanda das comunidades e das culturas comerciais que formam essas áreas. A frequente ocupação do entorno dos mercados públicos por comerciantes, devolvendo à região a configuração difusa original, é uma indicação de como esses espaços nem sempre conseguiram suprir as



F07 | Antigo Mercado Modelo Coelho Cintra (Mercado do Derby).

necessidades do dinâmico fluxo comercial das feiras. Muito pelo contrário, algumas configurações arquitetônicas de mercados não permitem a fluidez espacial com a rua com a mesma intimidade que os comerciantes ambulantes necessitam.

Todas essas iniciativas, portanto, representam uma tentativa de estabelecer os hábitos comerciais que cumpriam uma função mais urbana e alinhada com os interesses capitalistas e da elite em cada momento da história. Apesar de secular, esse conflito continuou a desenvolver tecnologias de realocação para evitar que os ambulantes ocupassem o espaço público. Exemplo disso são as constantes realocações da Feira de São José, tentando cortar o vínculo que os feirantes têm com o Mercado Público mais tradicional do centro da cidade. A realocação, em 2019, para um pavilhão no Cais de Santa Rita, fora da rota comercial tradicional e a mais de 100m do seu local de origem, mudou completamente a paisagem e a dinâmica que existia no pátio e nas ruas circundantes ao Mercado.

"Essa é a minha terceira mudança para o Cais de Santa Rita, as outras duas não deram certo, voltei porque lá não vendia nada. Agora a prefeitura vai novamente desconectar os vendedores de carne do mercado e os barraqueiros de frutas e verduras da feira", diz Antônio Marcos Vieira, feirante há 60 anos. (Jornal do Comercio, 2019)

3.2. Da galeria ao shopping

A transformação que culminou na revolução francesa mudou completamente o rumo das metrópoles e, conseqüentemente, suas cidades. As ânsias e novo estilo de vida dessa burguesia foram transmitidas em muitas linguagens e uma delas foi a forma de se comprar, vender e, principalmente, de se construir para comprar e vender. Esse paradigma, portanto, tem sua máxima expressão nas arcadas parisienses, que foram construídas pela especulação imobiliária diante da intensa industrialização, do comércio artístico e da vida na cidade, representando o desenvolvimento de um grande poder simbólico dessa nova vida na metrópole. (ALEIXO, 2005)

O desejo pelo avanço e o crescimento econômico, desencadeou em várias intervenções em busca da salubridade, mobilidade, conforto e proteção para escoamento de mercadorias e, principalmente, para o consumo. Insere-se, portanto, agora mais um caráter ao espaço comercial, que tornava-se não apenas um lugar para as trocas, mas também um "elemento de sedução" (NÓBREGA, 2008) e de legitimação das classes **(F08)**.

A insuficiência, porém, de se obter pleno estabelecimento dos novos conceitos infraestruturais nas ruas principais devido as suas grandes dimensões fez a iniciativa privada procurar pelos becos entre prédios que passaram a conferir uma relação de



F08 | Galeria d'Orléans, 1840.

de escala densa e protegida. Esses espaços receberam, portanto, bastante investimento e os transformou nas tradicionais galerias comerciais francesas (ALEIXO, 2005). Essa prática, portanto, foi bastante aderida nas sociedades de grandes metrópoles de países europeus **(F09)** e de outros continentes.

As ideias desenvolvidas nesse momento chegam no Brasil bem mais tarde, quase um século depois, com as reformas urbanas implantadas nos governos desenvolvimentistas que regeram as políticas urbanas dos anos 30 até o final da ditadura militar, na década de 60. Essas transformações mudaram a paisagem urbana e o estilo de vida brasileiro de maneira bastante estrutural, deixando a marca do que foi esse período.

Um grande exemplar relativo a esse momento em Recife é, também, um dos grandes cartões-postais da cidade. Somando características do



F09 | Galeria Vittorio Emanuele II, 1880.

contexto local, a Avenida Guararapes **(F10)** foi erguida com ideais importados dos europeus e de suas arcadas do final do séc. XIX. Os usos, portanto, também eram os mesmos. Além do foco no comércio, havia também residências e escritórios e representaram um desejo de reposicionar a cidade no panorama internacional. Moreira (2016) afirma que “a construção de uma avenida central, de 1939 a 1949, a futura Avenida 10 de Novembro com altos edifícios oferecia uma imagem clara de uma cidade moderna e do pensamento urbanístico e arquitetônico vigente (MOREIRA, 2016, p. 301).

Apesar da inspiração internacional incentivar uma nova mistura de estabelecimentos, a realidade

brasileira desacelerou o desejo de instituir esse estilo de consumo e provocou uma redução do impacto que essa estratégia teria. O início da decadência do monopólio econômico do centro, devido a descentralização da vida urbana vivida por Recife nas décadas seguintes diminuiu o potencial esperado. A nova tipologia da galeria comercial **(F11)**, apesar disso, permaneceu na cidade e se espalhou para as novas centralidades ao sul e norte, compondo o estilo de vida mais nobre e afastado do centro. Essas novas centralidades passam a receber uma série de novos equipamentos e serviços, e compõem um “perfil com características de comércio diversificado e sofisticado, direcionado para a classe média alta”. (ZANCHETI; MARINHO; LACERDA, 1998, p. 14).



F10 | Avenida Guararapes, 1950.

Ao mesmo tempo, cresciam as inaugurações de hipermercados **(F12)** em diversos bairros do Recife. A grande capacidade de dispor diversos alimentos industrializados, organizados de maneira facilitada, em um ambiente climatizado e com estacionamento provocou uma forte atração da população. Os mercados públicos recebiam, a partir disso, um grande concorrente que gradativamente expandia sua influência.

A consolidação da descentralização comercial, que pôs em cheque definitivamente a dinâmica comercial do centro, foi na década de 1980 com a inauguração do novo modelo de espaço comercial: o Shopping Center. O Shopping Recife **(F13)** foi o primeiro da categoria a se instalar na cidade, inovando na prestação de diversos serviços em um único lugar.

Com isso, a presença de cinemas, restaurantes, parques de jogos, lojas de departamento, grifes, supermercados etc. formavam, junto dos grandes estacionamentos, a fórmula que arrebatou a dinâmica comercial. O centro do Recife jamais viveria uma retomada da dinâmica anterior, mesmo com as intervenções de melhoria do espaço público. A infraestrutura que faltava em ruas famosas no centro da cidade encontrava-se com facilidade nos novos shoppings (NÓBREGA, 2008).

Uma dessas grandes tentativas de retomar o aquecimento econômico do centro foi a proposta de intervenção da Rua da Imperatriz, elaborada em 1998. A ideia era reproduzir o ambiente do shopping e cobrir a rua



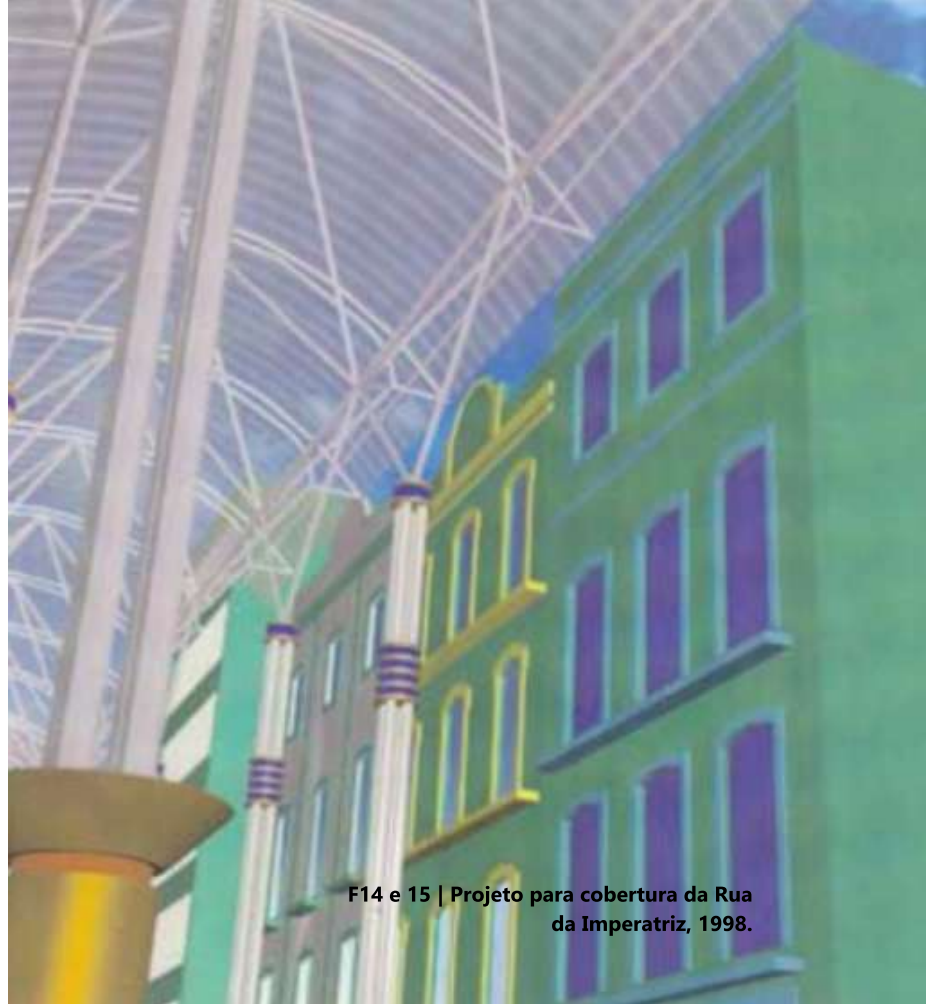
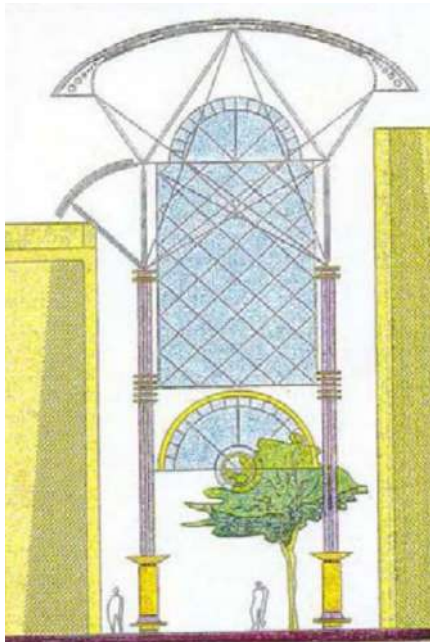
F11 | Edifício Santo Antônio, 1960.



F12 | Hiper Center Bompreço em Natal-RN, 1980.

F13 | Primeira etapa do Shopping Center
Recife, 1980.





F14 e 15 | Projeto para cobertura da Rua da Imperatriz, 1998.

com uma estrutura vazada (**F14 e 15**). As representações do projeto demonstram bastante inspiração nos projetos feitos na Europa, aqui citados. Apesar da vontade política em estudar uma intervenção do tipo, o projeto foi bastante criticado pela sociedade civil e não foi construído. Esse processo evidenciou um conflito de interesses e a forte concorrência que o centro da cidade e seu núcleo comercial enfrentariam com a crescente influência dos shoppings.

Se fundamentou, portanto, gradativamente, o shopping como o centro de compras e lazer mais completo para determinadas classes sociais. O modelo de negócio estabelecido para atender, de maneira geral, muitos tipos de clientes se fortaleceu e possibilitou que o shopping se tornasse o que é.

programática, isolamento da rua, climatização e sistema de segurança bem elaborado, os shoppings desenvolveram, no imaginário da sociedade, uma possibilidade de alternativa à cidade, assentado no estabelecimento da sensação de tranquilidade que a via pública não permitia, frente ao aumento da preocupação relativa à segurança pública. Esses parâmetros construíram um modelo de espaço que é reproduzido para obter o planejado e esperado sucesso financeiro desempenhado por esses centros multiuso. O resultado arquitetônico, no entanto, é um lugar genérico e isolado da malha urbana que o cerca, refletindo como a grande propaganda consumista, individualista e de privilégio das iniciativas privadas podem fragmentar os agentes urbanos nas cidades brasileiras.

Marcado pela flexibilidade

4. EXEMPLOS CONTEMPORÂNEOS

O interesse de implantar centros comerciais consoantes a malha urbana e as comunidades locais estimulou muitas autoridades e projetistas a desenvolverem soluções que possibilitassem esse caráter. Ao reconhecer a importância em se compor espaços comerciais diversos e integrados ao fluxo da cidade, esses projetos definem um novo delineamento de conjuntos comerciais que possibilita o desenvolvimento sustentável dos espaços e das comunidades. Por isso, considera-se a promoção de vivências coletivas diversas e de incentivo à convivência, contemplação e potencialização das culturas locais. Alguns espaços destacam-se por trazer uma boa contribuição no novo momento que vivem os centros comerciais e também no entendimento de demandas locais fundamentais para o estabelecimento mais interligado ao contexto em que se insere. Vale entender como alguns deles foram concebidos e implantados.

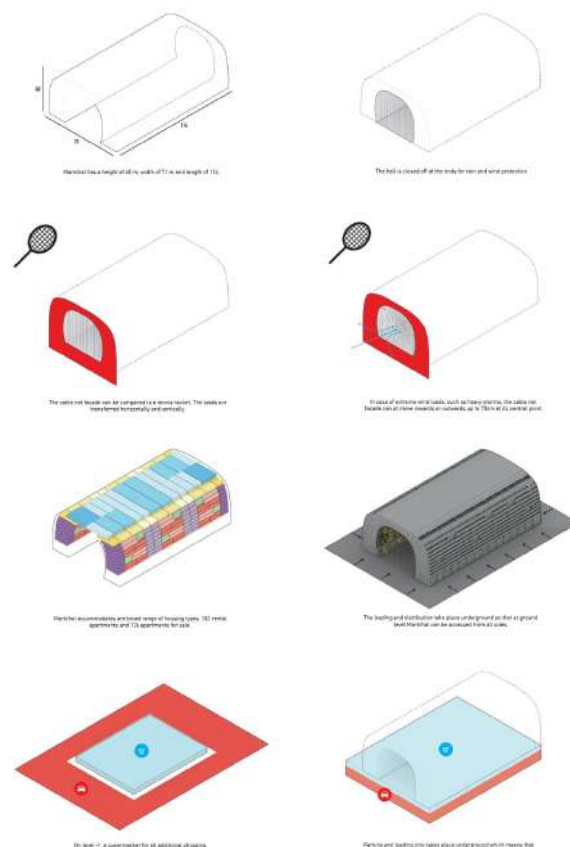
4.1. Markthal Rotterdam

Elaborado pelo escritório holandês MVRDV, insere-se em um sítio histórico e localizado em uma região de praças remanescentes do aterramento de uma via férrea. A necessidade de se construir um mercado surgiu com a intenção europeia de, em breve, não mais comercializar os produtos ao ar livre, como acontece na mesma praça semanalmente. Essa condição, juntamente com necessidade de adensar mais a população da região, foram as principais diretrizes do concurso feito pela prefeitura da cidade.

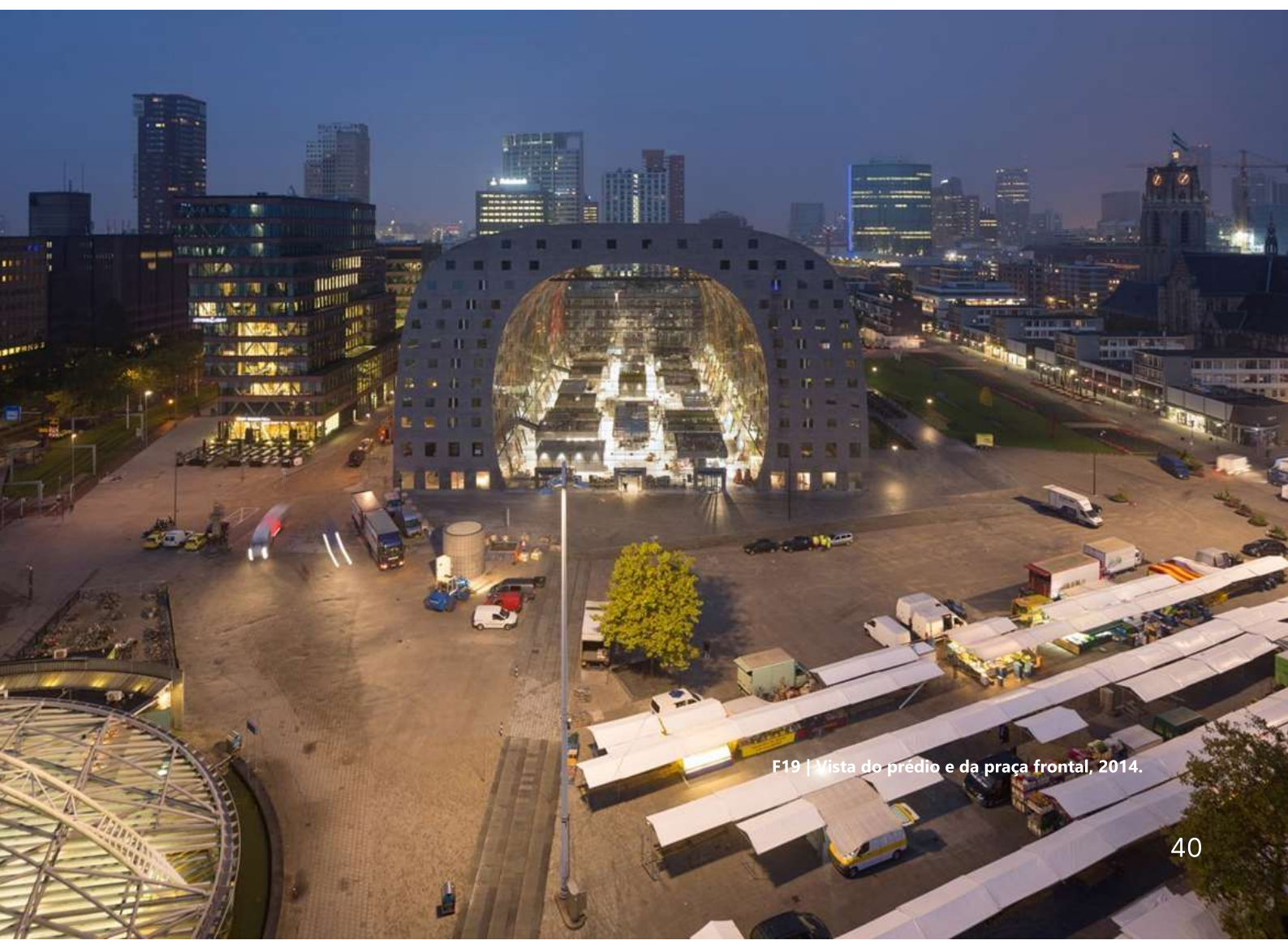


F16 e 17 | Fachada e interior do Markthal Rotterdam, 2014.

O projeto construído contempla de forma inovadora às exigências da comissão principalmente na sua divisão de massas cheias e vazias e a localização dos apartamentos. A interação entre o interior e exterior do mercado foi potencializada pelo vão central totalmente permeável e livre, havendo apenas uma leve pele de vidro para proteger os produtos enquanto a massa de apartamentos é usada como cobertura do mercado. Essa relação entre habitação e comércio possibilitou que todas as fachadas da construção fossem ativas e houvesse bastante fluidez com seu entorno.



F18 | Diagrama de composição, 2014.



F19 | Vista do prédio e da praça frontal, 2014.

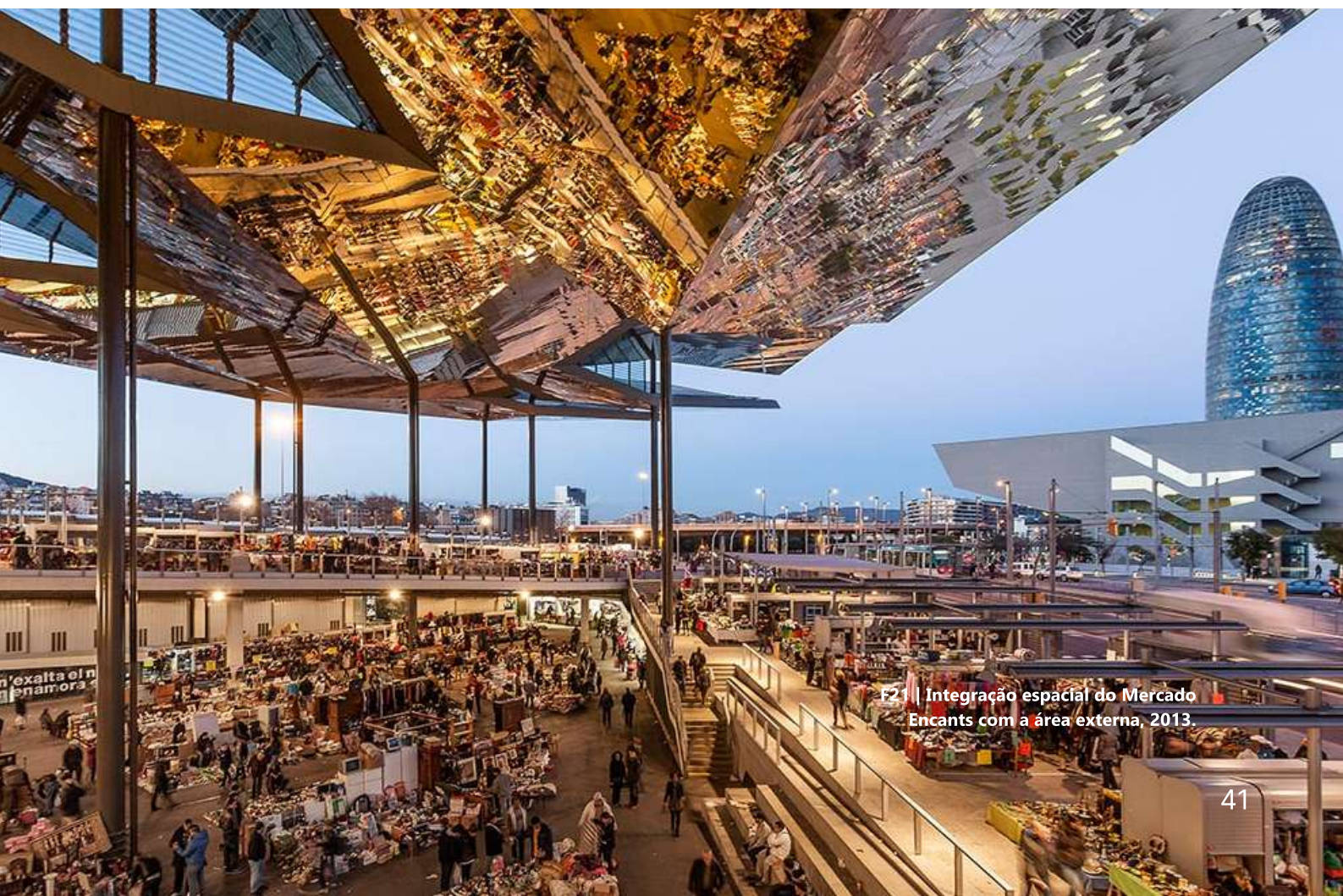
4.2. Mercado Encants

Construído em Barcelona, o mercado é um exemplo de proposta ainda mais integrado à rua. Na intenção de se abrigar a tradicional feira de antiguidades e de artigos usados, a proposta nasce com a responsabilidade de manter a mesma atmosfera anterior. Por isso, a equipe de projeto do escritório b720 Fermín Vázquez Arquitectos decide compor uma volumetria baseada nos vazios e espaços livres que prolongue a experiência de caminhar pelo espaço público.

As barraquinhas são alocadas em níveis alinhados e mais baixos da rua, proporcionando ao cliente e pedestre uma visão inteira da feira ao acessar o



F20 | Interior do Mercado Encants, 2013.



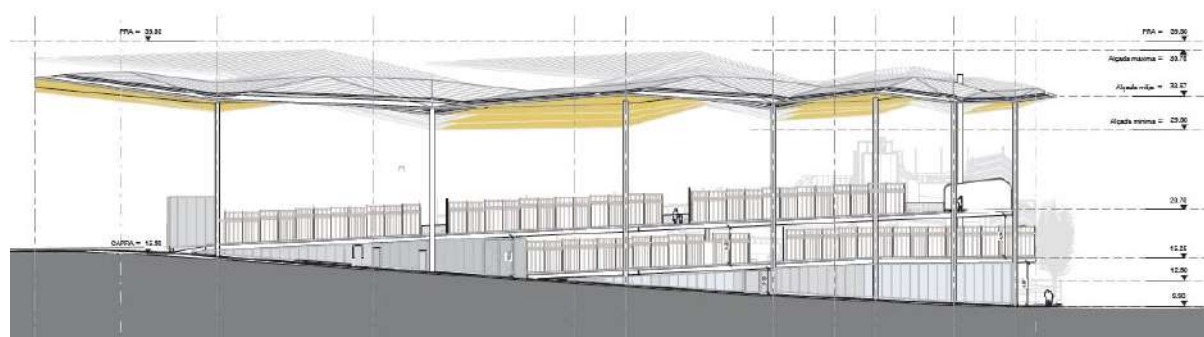
F21 | Integração espacial do Mercado Encants com a área externa, 2013.



lugar, e demais lojas são alocadas em uma série de níveis que, ao inclinar-se, decompõem a noção de andares em uma única rampa, mimetizando a espacialidade de uma rua inclinada.

A simples composição da edificação em pisos, pequenas galerias de lojas e coberta permite que as atividades de compra e venda tradicionais daquele lugar continuem com a configuração espacial mantida, ao simular a rua, e ganhando a proteção das intempéries e maior qualidade espacial. A quase ausência de fachadas, o espaço livre definido pelos pisos inclinados das lojas, os pilares imponentes, e a cobertura reflexiva trazem bastante monumentalidade ao mercado, reforçando o caráter histórico da região e da feira para as comunidades locais.

F23 | Corte do Mercado Encants.



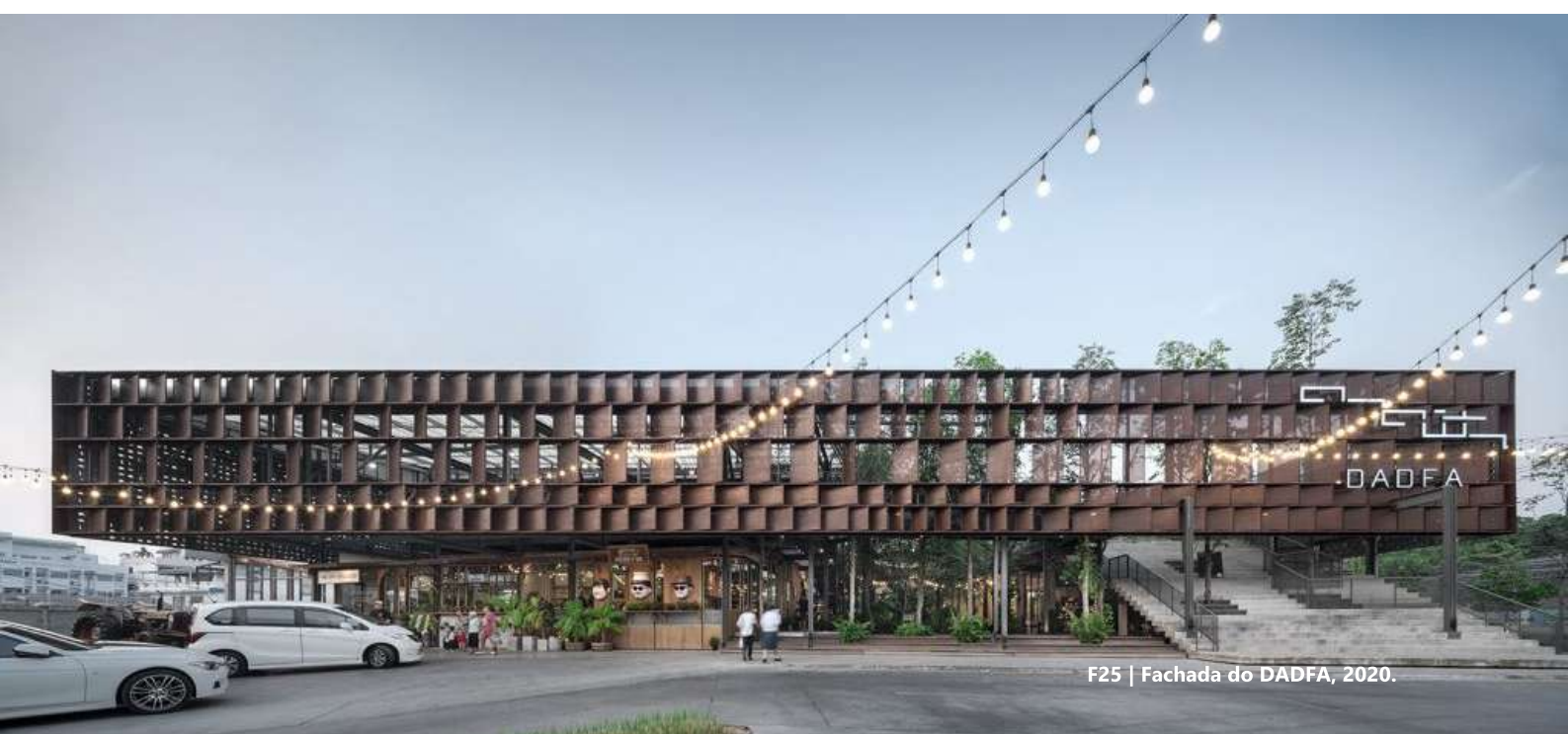
4.3. Centro Comercial Comunitário DADFA

O Centro Comercial Comunitário DADFA, em Bangkok, por sua vez, se posiciona com intenções de suporte comunitário e social. Ocupando o espaço que antes localizava-se uma feira de frutas frescas, a intenção é conectar o comércio e a vegetação existente. Esse caráter faz o escritório M Space optar por construir uma edificação aberta para a rua, flexível e, principalmente, estruturalmente simples. O cuidado em compor espaços que suportem as transformações possíveis, à medida que as organizações crescem ou diminuem, fez a estrutura ser pensada para desempenhar essa flexibilidade.

A ausência de revestimentos é uma medida tomada em nome da economia e sustentabilidade, a fim de



F24 | Interior do DADFA, 2020.



F25 | Fachada do DADFA, 2020.

facilitar as adaptações que a edificação pode vir a ter. A integração com a natureza existente é uma forte intenção do projeto, que também cria uma horta comunitária em seu interior, ressaltando a responsabilidade ambiental que o projeto desempenha.

A ideia principal do projeto é criar um ambiente de abrigo para as diferentes organizações e comércios locais em um oásis urbano integrado à natureza e a malha urbana do seu contexto. A fachada, composta de planos vazados e com diversos acessos, permite ampla comunicação da edificação com a rua e a natureza ao seu redor.



F26 | Interior do DADFA.

4.4. Casos no contexto Pernambucano

Na cidade do Recife, é notável a nova vocação gastronômica dos mercados públicos e centros comerciais. A presença e crescimento desse tipo de serviço é percebida em muitos mercados existentes e novas edificações. O tradicional Mercado de Casa Amarela (**F27**), por exemplo, recebeu intervenção, em 2022, no seu entorno para possibilitar mais conforto aos restaurantes que ficam nas fachadas laterais, o que consolidou a dinâmica de serviços no mercado.

Lugares como o Mercado da Boa Vista (**F28 e 29**) também tiveram um notável incentivo aos seus restaurantes e bares e a inauguração do Mercado da Torre (**F30**) também ratifica essa situação. Totalmente focado em gastronomia, o centro comercial é uma reabilitação de um galpão industrial e é composto de bancas de restaurantes e bares, com funcionamento diário até as 23h. Apesar do foco ser o público de classes mais altas residente do seu entorno, o mercado trouxe uma perspectiva de espaço comercial também focado na experiência gastronômica diversa.

Outro uso dado aos espaços antes apenas comerciais é o cultural, como no Mercado Eufrásio Barbosa (**F31**), em Olinda. A edificação, um cartão postal de Olinda, foi erguida para ser a primeira Casa da Alfândega de

F27 | Lanchonetes na fachada lateral do Mercado de Casa Amarela.



F28 | Fachada do Mercado da Boa Vista, 2023.



F29 | Pátio aberto do Mercado da Boa Vista 2023.



F30 | Interior do Mercado da Torre, 2020.



Pernambuco e também abrigou um mercado público nos anos 1990. Em 2018, após um longo período de reforma, foi transformada em um Centro Cultural Popular. Hoje, o local é formado por área para exposições permanentes e temporárias, oficinas de artesanato, dança e gastronomia, feiras sazonais, 22 novas lojas, restaurante, livraria da Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) e o novo Teatro Fernando Santa Cruz.

Esses exemplos internacionais e nacionais feitos há algum tempo ou mais recentes, elucidam como o

espaço comercial permite ocupações e dinâmicas muito diversas e profundas. Apesar disso, as análises permitem concluir como o mercado e o comércio, para cumprir sua função de compartilhamento de objetos e experiências, depende de posturas espaciais e administrativas que fomentem sua ocupação ampla. Essas diretrizes, somadas às condições espaciais e culturais do contexto estudado, norteiam o projeto de intervenção do Mercado de Nova Descoberta, elaborado neste trabalho, e permitem compor uma alternativa projetual que potencializa as características vitais ao mercado e direcionam conflitos espaciais a uma resolução.



F31 | Fachada do Mercado Eufrásio Barbosa, 2018.



F32 e 33 | Atividades realizadas no Mercado Eufrásio Barbosa, 2022.



5. UM BAIRRO E UM MERCADO

São os morros argilosos densamente ocupados por residências erguidas com técnicas vernaculares e vales de diversos canais de passagem de pessoas, mercadorias e esgoto a céu aberto que compõem a paisagem desta que é uma das mais características comunidades da periferia de Recife. O que se encontra de mais típico na vida contemporânea das pessoas recifenses encontra-se na margem e é um ambiente ambivalente por natureza. Quase todas as suas características são dilemas socioespaciais.

A vista panorâmica para os morros requer o risco de morar em encostas prestes a deslizar ou áreas sob risco de inundação, além de implicar na falta de infraestrutura e mobilidade; o fácil acesso aos serviços de quem mora nas partes baixas ocasiona a insalubridade de ter a péssima qualidade de serviços públicos a sua porta **(F34)**; e a alta densidade que fortalece as relações sociais e familiares muitas vezes impede de se ter ventilação e iluminação natural, tamanha é a proximidade entre as casas.

Esse é um dos retratos facilmente visíveis em quase todos os bairros das periferias brasileiras e revela quão grande é a resiliência das comunidades marginalizadas. A dicotomia das zonas de assentamentos precários é mais que um fato histórico antigo desse país: é a ponta do fio que liga o estilo de vida atual a que viveu nossos ancestrais.



F34 | Vista para a R. Nova Descoberta.

5.1. A formação do bairro de Nova Descoberta

O crescimento populacional e os processos políticos do início do século XX provocaram na organização espacial da cidade um espraiamento desordenado e, principalmente, negligenciado pelas políticas urbanas da época. As populações mais pobres passaram a ocupar as regiões mais distantes do centro e menos cobiçadas, formando os mocambos **(F35)** e palafitas, que resistem em menor quantidade até hoje. Jucá (2004) relata como se deu esse processo:

A formação dos mocambos na cidade ocorre desde a abolição da escravidão, onde a migração do interior para o Recife intensificou-se, gerando o aumento dos mocambos e a instalação de palafitas nos manguezais. As populações desses locais tiravam sua renda familiar do próprio manguezal. Em 1940, 30% da população recifense viviam dos mangues (JUCÁ, 2004).

Essas construções foram, mais tarde, condenadas pelas autoridades e sociedade civil. A construção de mocambos e palafitas foi, em 1919, proibida e a Liga Social Contra os Mocambos estabeleceu que se erradicasse grande parte das ocupações, fazendo milhares ficarem desabrigados. Vinte anos mais tarde, em um processo espontâneo, porém incentivado por algumas políticas públicas, essas populações passaram a ocupar e formar alguns bairros da

"Zona dos mocambos. Cidade aquática, com casas de barro batido a sopapo, telhados de capim, de palha e de folhas de flandres. Cumbucas negras boiando nas águas. Mocambos – verdadeira senzala remanescente fracionada em torno às casas grandes da Veneza americana. Poesia primitiva de negros e mestiços fazendo xangô e cantando samba. Fisionomia africana." (Castro, 1936)

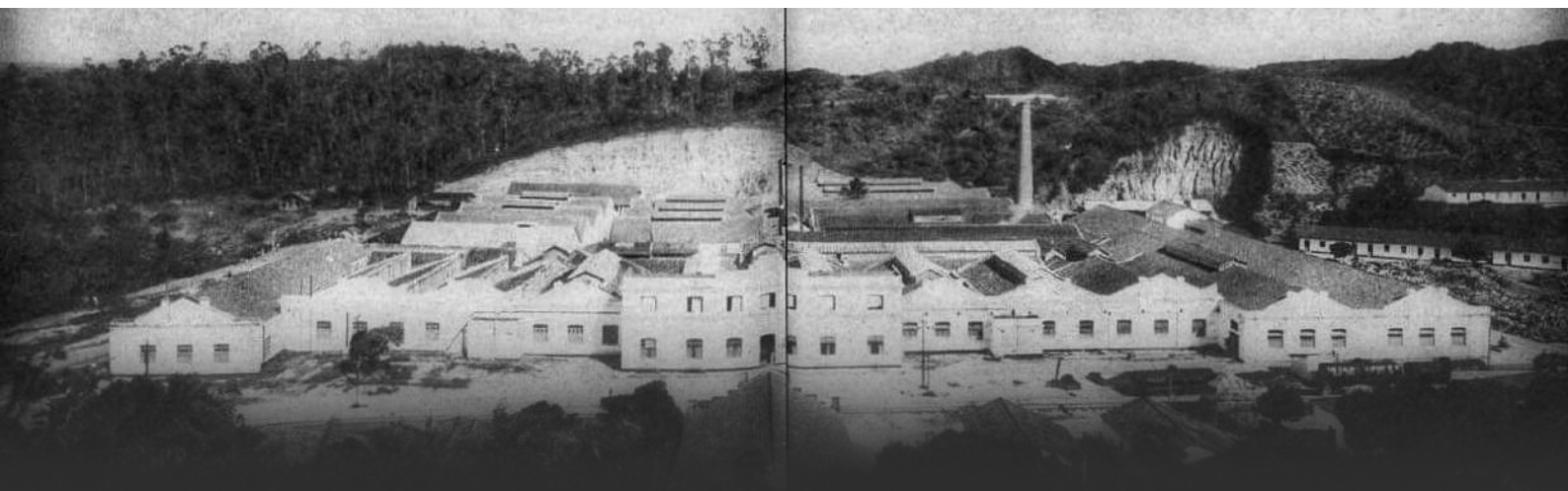
F35 | Rua de mocambos.



zona norte do Recife, como Água Fria, Beberibe e os morros de Casa Amarela.

Desses, um território que desponta é o de Casa Amarela, que recebeu uma ocupação tão intensa advinda desse processo de marginalização das populações mais pobres que foi posteriormente dividido em vários outros bairros. Esse processo diverso de ocupação foi composto não apenas pelos moradores das antigas palafitas e mocambos e pessoas vindas do interior, mas também de trabalhadores da fábrica têxtil que se instalou no bairro vizinho, chamado de Macaxeira. A dinâmica que se estabeleceu, entre a década de 1930 e 1940, ao redor da fábrica têxtil do Coronel Othon **(F36)** e de outros engenhos, estimulou a criação, nos territórios mais planos, a criação das primeiras urbanizações, como as Vila Maria Amália e Vila Buriti. Mais tarde, nos anos 80, é quando as ocupações de morro se intensificaram. (Santana et al., 2018).

F36 | Fábrica de Tecido do Cotonifício Othon Bezerra de Mello. Fábrica de Apipucos (Macaxeira), 1941.



Uma dessas concentrações iniciadas na década de 1930 é o chamado Largo Dona Regina **(F37)**, cuja

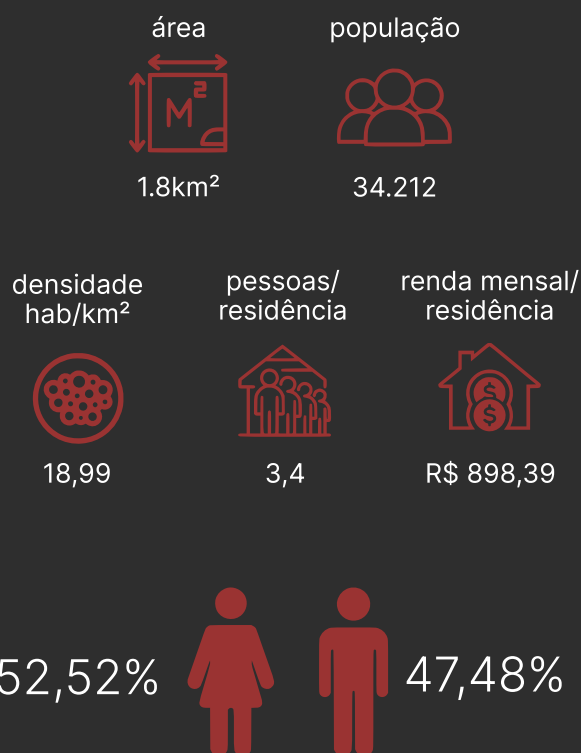
nomeação se deve ao fato de ter existido uma grande comerciante de mesmo nome que abastecia a região. Esse novo núcleo comercial entre a fábrica do Coronel Othon e o núcleo comercial de Casa Amarela, mais tarde, tornou-se uma nova comunidade: Nova Descoberta **(M01)**. (Galdino, 2010)

Esse bairro surgiu e cresceu a partir da dinâmica ligada ao eixo de comércio que se estabeleceu no vale entre os morros, conformando a rua que hoje recebe o nome do bairro. Mais adiante, o seu crescimento provocou, em uma região de encontro de outras rotas mais ao sul, a formação de um núcleo comercial mais diverso e denso que o Largo Dona Regina.

Esse núcleo, que é uma encruzilhada de acessos a diversos bairros, altos e córregos, como são chamadas algumas comunidades da região, foi densamente ocupado por comércios e serviços de todos os tipos, escolas, igrejas, academias, terminais de ônibus e a famosa Feira de Nova Descoberta. Nesse contexto, um dos equipamentos mais importantes e que reforçou a força comercial da região é o Mercado Público de Nova



M01 | Mapa de localização de Recife, ZEIS Casa Amarela e Nova Descoberta.



D01 | Características sócio-territoriais do bairro de Nova Descoberta. Fonte: IBGE, 2010.



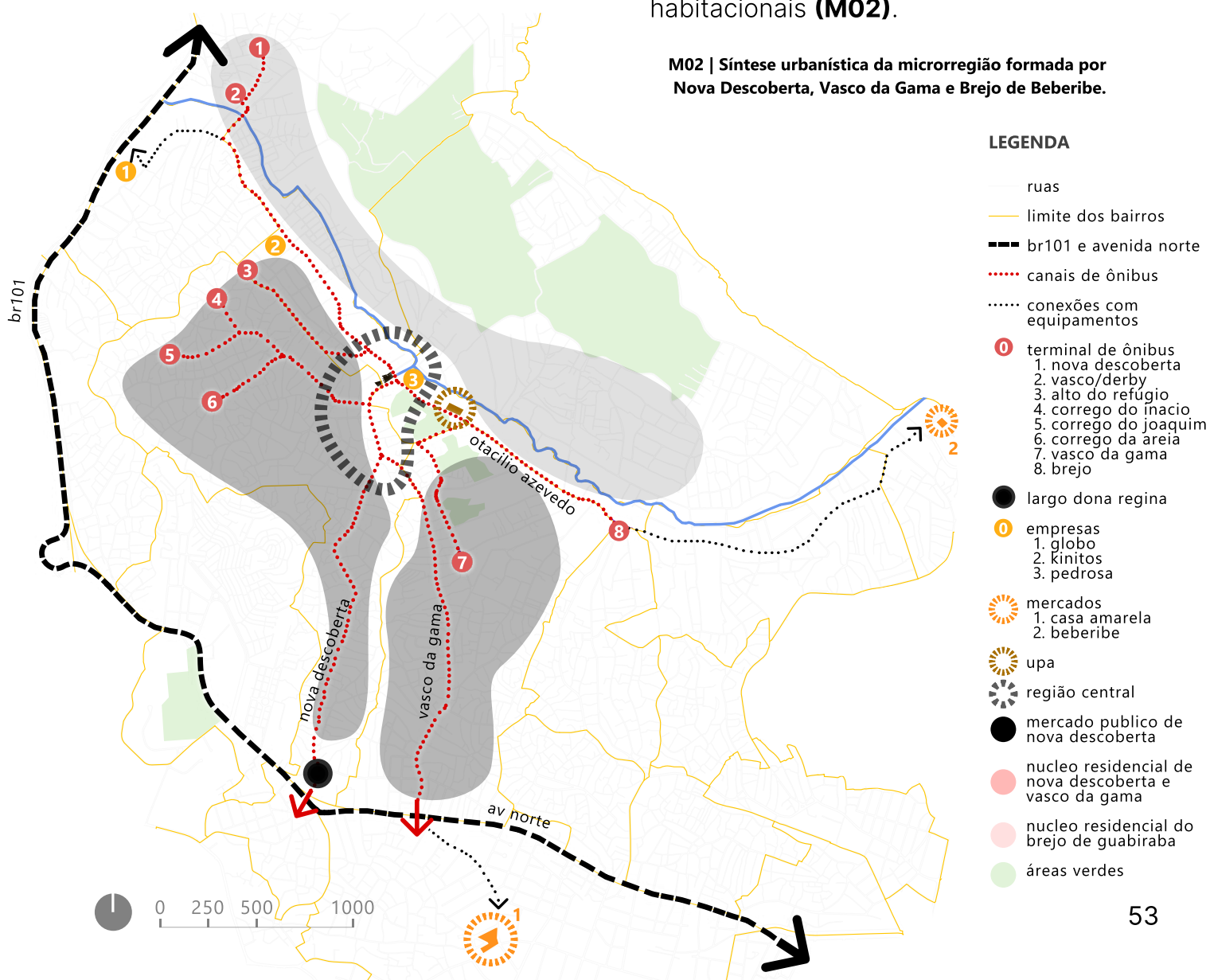
F37 | Largo Dona Regina.

Descoberta, localizado no cruzamento das duas ruas mais importantes do território, a Rua Nova Descoberta e a Av. Otacílio Azevedo.

Conforme o atlas da Prefeitura Municipal de Recife, o bairro tem uma área de 1,8 km² e uma densidade demográfica de 18.948,6 hab./km², além de distar 8,5 km do Marco Zero de Pernambuco. Com a criação da PREZEIS, o bairro foi contemplado com uma legislação de proteção da sua comunidade e malha urbana tradicional ao ser incluído na ZEIS Casa Amarela, junto a outros bairros próximos como Vasco da Gama e Morro da Conceição.

Ao expandir o território, considerando os bairros mais próximos do Vasco da Gama, Córrego da Areia e Brejo de Beberibe, nota-se como Nova Descoberta é uma centralidade. O seu núcleo comercial, formado entre a bifurcação da Rua Nova Descoberta com a Rua Vasco da Gama e o cruzamento com a Av. Otacílio de Azevedo, é passagem de 13 linhas de ônibus vindas de 8 terminais de diferentes comunidades. A menos de 500m de distância ainda pode-se localizar a UPA Solano Trindade, grandes sementeiras e lojas de jardinagem, equipamentos religiosos, Fábrica Alimentícia da Kinitos, garagem de empresas de transporte coletivo e grandes conjuntos habitacionais **(M02)**.

M02 | Síntese urbanística da microrregião formada por Nova Descoberta, Vasco da Gama e Brejo de Beberibe.



Há ainda um núcleo mais denso (**M03**), definido pela intensa dinâmica comercial e de serviços que ocupa o entorno da esquina da Rua de Nova Descoberta e a Av. Otacílio de Azevedo. Esse é o coração de toda a região comercial e concentra a conjunção de todos os elementos materiais e imateriais citados. Todo esse contexto compõe uma atmosfera rica de atividades, personagens, produtos, escalas e conflitos que definem o bairro de Nova Descoberta. Alguns processos históricos, como a crescente instalação de grandes redes de supermercado, virtualização da compra e ausência de intervenções urbanísticas incidiram no processo de evolução da região, inserindo ou transformando as dinâmicas presentes nesse espaço.

A grande concentração de atividades e equipamentos na região, não só provocaram uma dinâmica social diversa, mas também imprimiu no espaço urbano diferentes problemas

infraestruturais e urbanísticos. A negligência de políticas públicas e a intervenção dissonantes às necessidades comunitárias provocou um ambiente pouco propício ao desenvolvimento sustentável do potencial das dinâmicas urbanas ali presentes. Essa negligência é percebida também no Mercado Público de Nova Descoberta, uma vez que recentes ações resultaram na decadência de atribuições basilares para o seu pleno funcionamento e desenvolvimento.

M03 | Zoneamento do recorte central do eixo comercial de Nova Descoberta.

LEGENDA

- recorte de estudo
- ruas
- córrego aterrado
- rio morno
- residencial
- comercial
- misto
- religioso
- educacional
- MPND





UPA de Nova
Descoberta

Av Otacílio
Azevedo -
Conexão com
outros
equipamentos
como o Mercado
de Beberibe

Av Otacílio
Azevedo -
Conexão com a BR
101

Mercado Público
de Nova
Descoberta

Vasco da Gama

Nova
Descoberta

F38 | MPND e seu entorno.

5.2. O Mercado Público de Nova Descoberta

O Mercado Público de Nova Descoberta (MPND) é um dos espaços que transpassa a história do bairro e tem sido transformado por acontecimentos que, nas últimas décadas, acometeram não somente o bairro, mas Recife e o Brasil. Essas dinâmicas remontam os embates vividos pelas outras regiões comerciais do Recife, como descritas no início do capítulo 3, quando conflitos entre setores do controle urbano passaram a assumir uma postura intervencionista para ordenar e reger as atividades dos vendedores ambulantes no espaço público.

Quando foi inaugurado, em 1973, o lugar era de propriedade particular e era chamado de Centro Comercial de Nova Descoberta. A sua importância foi tamanha que a prefeitura adquiriu e o transformou em Mercado Público em 1976 (F39). Após isso, a estrutura manteve-se igual, recebendo algumas simples intervenções na cobertura, adição de alguns boxes e construção de puxadinhos irregulares.

Ainda nesse período, o espaço era também lugar de apresentações e festividades culturais, como carnaval e São João, conforme o anúncio nos jornais (F40). Esse tipo de ocupação, no entanto, foi desaparecendo à medida que o pátio frontal do mercado era ocupado por outras atividades, como o terminal de ônibus do Vasco da Gama e alguns feirantes. Esses feirantes foram se multiplicando

Nova Descoberta vai contar com mercado público

A Prefeitura do Recife desapropriou o Centro Comercial de Nova Descoberta para transformá-lo em mercado público. Trata-se de um conjunto de 56 compartimentos que se destinará à venda de produtos hortigranjeiros, cereais e carne verde. Como se trata de uma construção recente, as reformas a serem feitas, segundo o secretário de Abastecimento, são relativamente fáceis, exigindo pequeno investimento.

F39 | Trecho da edição 00177 do jornal Diário de Pernambuco, 1976.

kanas Esportiva Cultural de Verão.

Os Jogos de Nova Descoberta têm ainda a colaboração da União dos Moradores daquele bairro e vão ser disputados de amanhã a domingo, no Centro Comercial de Nova Descoberta, Rotary de Nova Descoberta, Escola Alvaro Lins e campos do Beira-Rio, Corinthians e Marajó, nos horários da manhã, tarde e noite.

A programação geral é esta: Amanhã - Local: Centro Comercial; Início: 8 ho-

F40 | Trecho da edição 00237 do jornal Diário de Pernambuco, 1984.



F41 | Fachada do MPND, 2013.

até o momento que ocuparam completamente o pátio frontal do mercado, provocando um espaço difuso e isolando o mercado do fluxo da rua. Além disso, os altos índices criminais do lugar ainda levaram as autoridades a instalarem um posto policial ao lado do terminal de ônibus **(F41)**.

A expansão da feira, porém, era evidente, o que resultou na ocupação das calçadas, inclusive com construções de alvenaria. A crise inflamou ainda mais nos anos 2010 e as autoridades decidiram intervir. “O problema na área é tão sério que as ambulâncias têm dificuldade de chegar à UPA. Com a construção do anexo, a mobilidade vai melhorar para todos” relatou o então vereador Almir Fernando em um comunicado no Site Oficial da Prefeitura. O político também afirmou que o investimento de R\$2 mi criaria espaço para 700 feirantes em terreno já desapropriado

pelo poder público. Em 2013, a Prefeitura do Recife anunciou a intervenção no mercado e no pátio visando o ordenamento urbano e, três anos mais tarde, a Feira Nova de Nova Descoberta foi inaugurada **(42)**.

A intervenção, no entanto, não contemplou os boxes ou a estrutura existente do Mercado Público. Foi construído, no terreno ao lado do Mercado, um pavilhão que abrigaria as 91 bancadas dos feirantes cadastrados. O pátio a frente do Mercado recebeu intervenção no piso e a área foi aberta ao público com a retirada do Terminal de Ônibus do Vasco da Gama e do Posto Policial, tornando-se um espaço residual, árido e usado apenas para estacionamento de carros.

Em conversas com comerciantes, muitos são os relatos de abandono do Mercado Público depois da



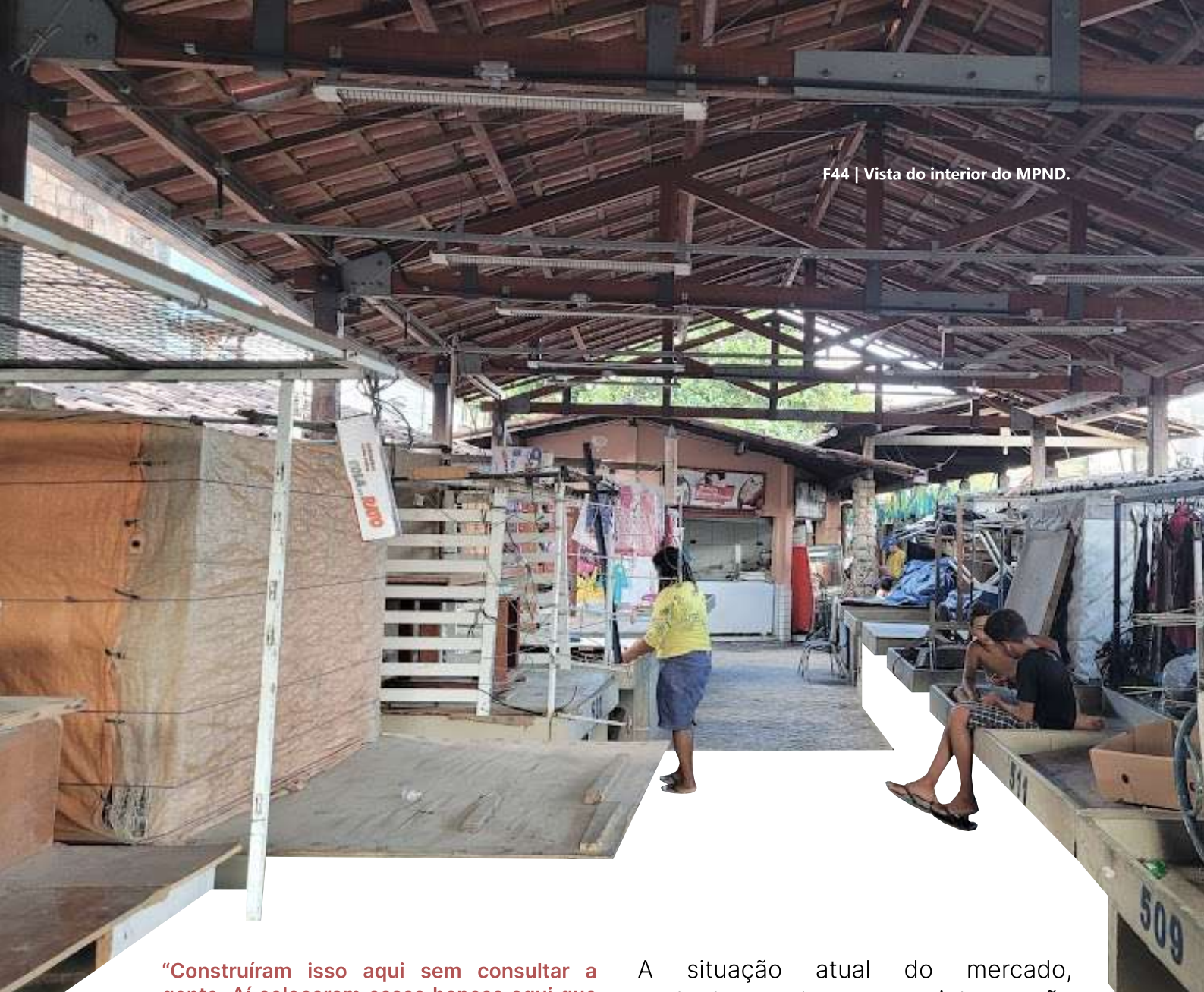
F42 | Fachada do MPND, 2016.

intervenção. Hoje, o maior fluxo de pessoas se concentra apenas na Feira Nova, que se encontra no lote lateral separado por uma rua. Os comerciantes do Mercado convivem com uma infraestrutura precária, com ocupação baixa dos boxes e com a dinâmica irregular de barzinhos que, segundo relatos dos comerciantes, ocupam a passagem dos clientes.

(F43). Em uma região mais interna do mercado, onde os blocos de lojas se abrem para um pequeno pátio coberto, existem bancas feitas em concreto que foram construídas na intervenção de 2013 **(F44)**. No entanto, o relato de uma vendedora presente revela como a construção desse espaço foi uma tentativa fracassada de incluir os feirantes na dinâmica interna do mercado e seu relato evidencia o processo de isolamento que o espaço passou nos últimos anos.

F43 | Vista interior de uma das entradas do MPND.





“Construíram isso aqui sem consultar a gente. Aí colocaram essas bancas aqui que ninguém quer usar porque ela está escondida. As pessoa de fora do mercado não conseguem saber que isso aqui existe” (Vendedora há mais de 25 anos no mercado)

A situação atual do mercado, portanto, mostra como a intervenção de 2016 cumpriu objetivos apenas funcionais, de liberar o tráfego e ordenar a feira, provocando a fragmentação do espaço público e, principalmente, das dinâmicas que ali se instalavam como uma rede interdependente. Historicamente, os Mercados Públicos, principalmente recifenses, estiveram ligados às feiras e aos pontos nodais da cidade e essa simbiose é fundamental para a manutenção das suas atividades. Esses atributos se perderam ao decorrer do tempo e provocaram profundas cicatrizes no lugar. Dessa maneira, é importante fazer uma leitura espacial mais aprofundada da situação atual do Mercado.

F45 | Vista da fachada leste do MPND.



5.3. Diagnóstico

Com 3.536,8m², o espaço é um conjunto de dois núcleos: os blocos de boxes originais, na esquina, e a Feira Nova de Nova Descoberta, pavilhão recém inaugurado, como já citado. O primeiro tem uma arquitetura rígida e é construído em alvenaria e cobertos com telhado cerâmico, performando a arquitetura vernacular que remete às técnicas construtivas de edifícios mais simples **(F45)**. Suas tesouras de madeira e sobreposição de coberturas **(F46)** é um forte elemento do seu sistema estrutural e confere bastante identidade ao local.

F46 | Sobreposição de cobertas do MPND.

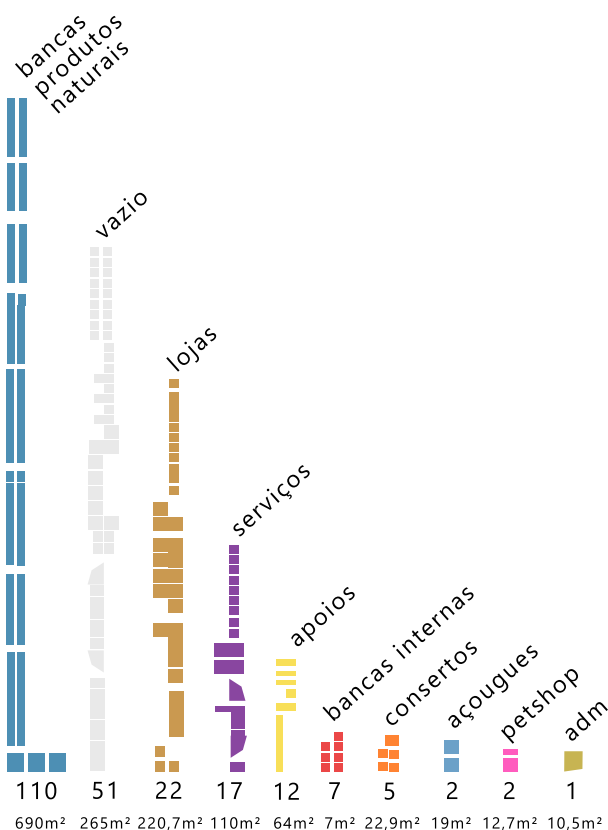




M04 | Zoneamento atual do MPND.

D02 | Diagrama de usos.

Dos 84 boxes que o formam, apenas 52,4% deles, ou 44, estão em atividade (**M04**). O predomínio das lojas de armário e bares, que lideram a ocupação desde a sua inauguração, indicam uma vocação comercial que se perpetuou. Além disso, a quantidade de estabelecimentos de conserto de diversos produtos também remete ao momento inicial do Mercado. Esses estabelecimentos concentram-se nas porções leste do mercado, mais próximo aos acessos da esquina e também são as áreas mais movimentadas do espaço. A maioria dos bares pequenos se encontram na fachada principal, voltada para a R. Nova Descoberta e tem um movimento de locais que apreciam o movimento dos veículos que cortam a cidade e pessoas que caminham, pedalam e compram pela principal



avenida do bairro. Um bar maior, localizado próximo a única árvore existente no lote, ao norte do Mercado, é o mais movimentado e provoca uma dinâmica bastante intensa.

A chamada Feira Nova de Nova Descoberta (FNND), por sua vez, é a parte mais densamente ocupada pelo comércio. Sendo composta por um pavilhão de estrutura metálica, a ocupação se dá de uma maneira diferente a da estrutura restante do mercado **(F47)**. As 91 bancas de hortifruti e outros produtos naturais dominam a Feira e atraem o maior movimento de todo o Mercado. Apesar da grande diversidade de produtos e vendedores, o ambiente tem uma ergonomia comprometida por concentrar uma quantidade muito grande de bancas em um espaço pequeno, o que ocasiona em corredores estreitos.



F47 | Vista lateral da Feira Nova de Nova Descoberta.



F48 | Fachada da FNND, após intervenção.

F49 | Interior da FNND, após intervenção.

F50 | Vista da entrada da R. Teolândia, entre a FNND e os blocos de lojas do MPND, após intervenção.



F51 | Fachada leste da FNND, após intervenção.

F52 | Aproximação da estrutura da cobertura da FNND, após intervenção.





F53 | Vista da entrada da R. Teolândia, entre a FNND e os blocos de lojas do MPND, após intervenção.

F54 | Aproximação da fachada do MPND, após intervenção.

F55 | Vista do Estacionamento e fachada da MPND, após intervenção.



F56 | Vista frontal dos blocos de lojas do MPND, após a intervenção.

F57 | Aproximação dos boxes de lojas do MPND, após a intervenção.

F58 | Vista do corredor de acesso às lojas da MPND, após intervenção.





F59 | Vista lateral dos blocos de lojas do MPND, após a intervenção.

F60 | Aproximação dos blocos de lojas do MPND, após a intervenção.

F61 | Aproximação de bar do MPND, após a intervenção.





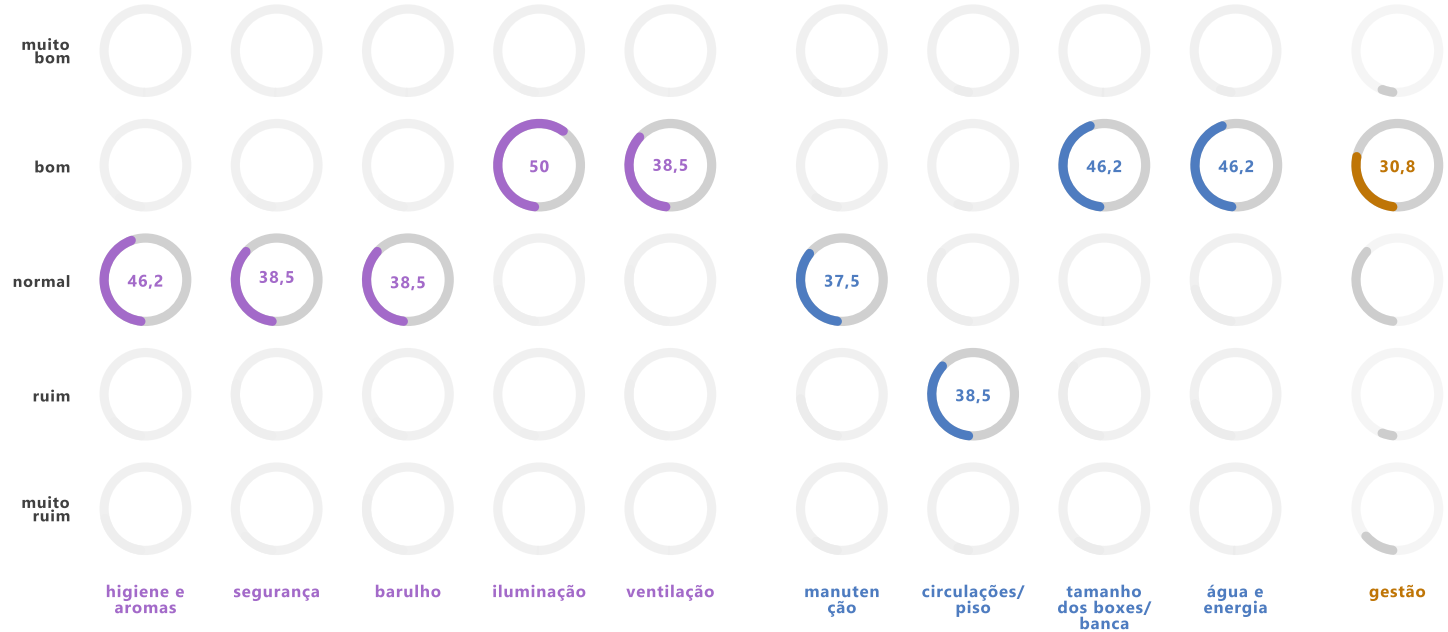
F62 | Vista interior da FNND.

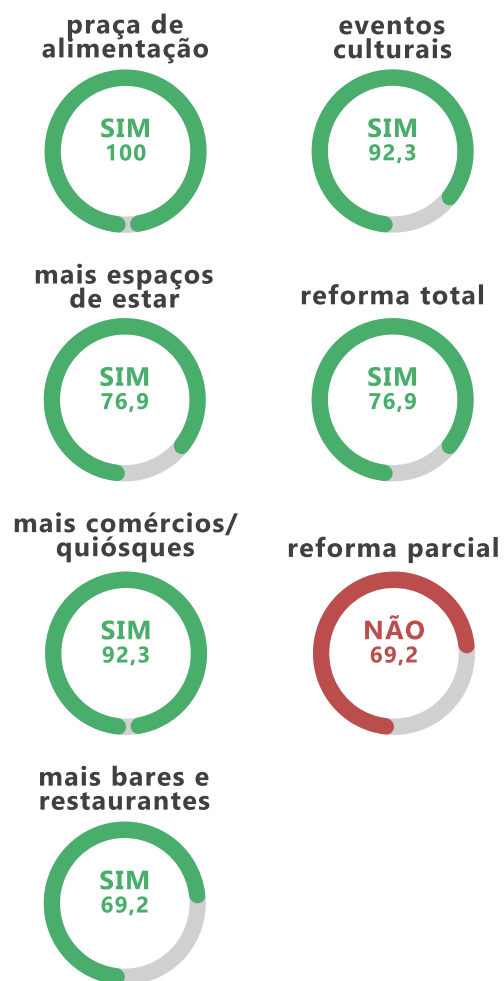
Em questionários aplicados a comerciantes e usuários (**G01**), pode-se constatar que a sensação relacionada à infraestrutura e conforto é definida de média a baixa, no geral, tendo seu pico negativo no aspecto do barulho e higiene, e positivo na iluminação, tamanho dos boxes, água, energia e gestão. Além disso, percebe-se que a quase plena escolha por uma transformação total e não parcial do lugar (**G02**) indica

uma insatisfação do público com a infraestrutura do lugar, principalmente ao indicar o interesse por uma praça de alimentação e a volta de eventos culturais. Questionados se seria interessante ao mercado ter o aumento de espaços de estar, comércios e bares e restaurantes, quase todas as respostas foram positivas, tendo mais negativas para os bares e restaurantes.

Somado a isso, outros diálogos com os locais e observações feitas nas visita indicam como se dá a apropriação espacial do MPND, bem como quais são os maiores conflitos e aspirações da comunidade. Uma dessas características é o fluxo de pessoas que se dá principalmente na Feira Nova e no eixo mais externo dos blocos, próximos aos acessos da esquina, enquanto o segundo corredor e o pátio interno de bancas são pouco ocupados.

G01 | Respostas de questionário aplicado a comerciantes e clientes.





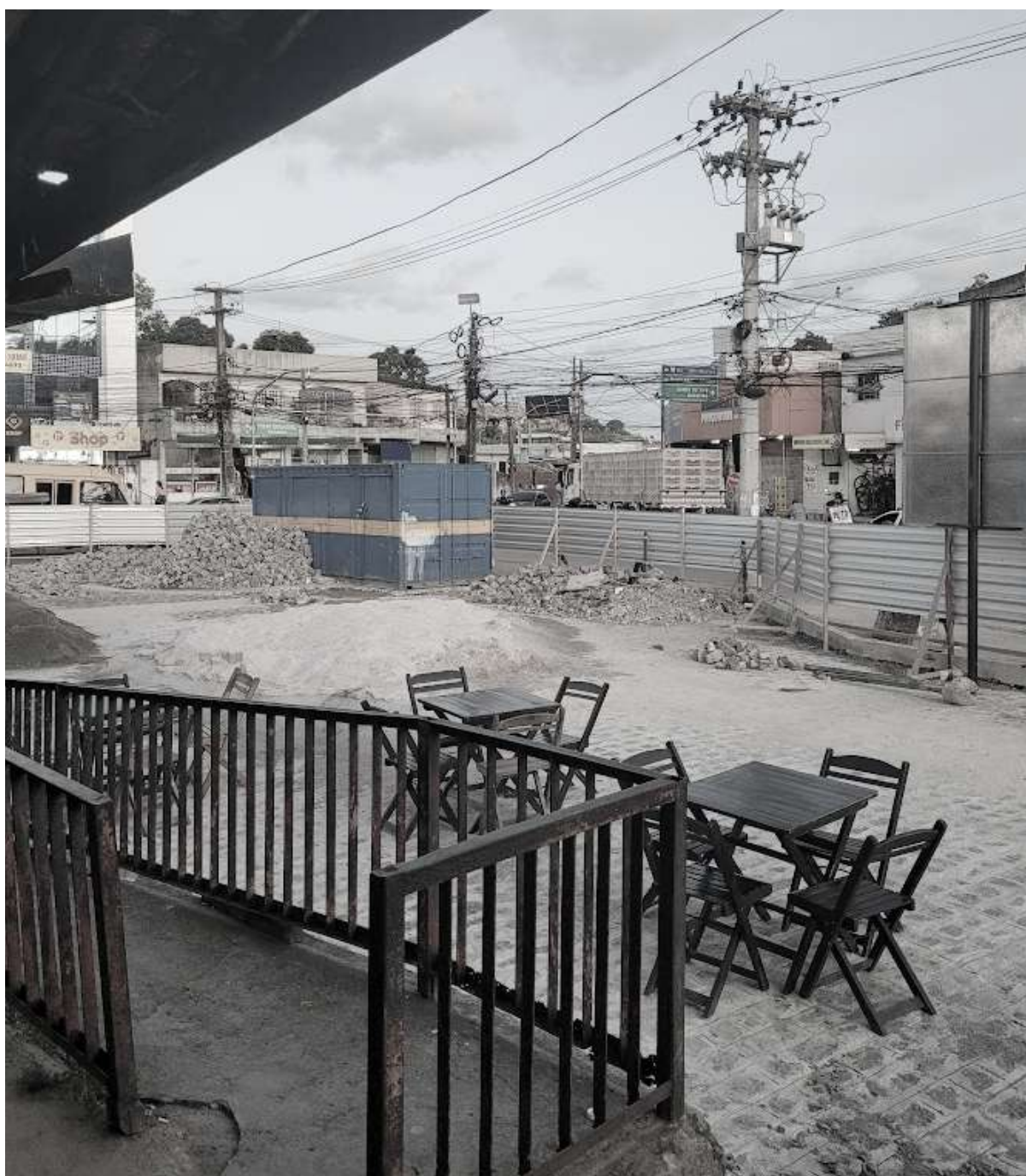
G02 | Respostas de questionário aplicado a comerciantes e clientes.

F63 | Foto de perspectiva apresentada na placa de obra instalada no canteiro de obras de requalificação do MPND.



No momento de desenvolvimento da pesquisa, o mercado estava passando por uma requalificação. Nesse sentido, pode-se perceber como retirada dos carros do pátio frontal para instalação do canteiro de obras foi apropriada pelos estabelecimentos, revelando uma necessidade e oportunidade de uso diferente da qual foi destinada ao espaço.

F64 | Área em requalificação sendo apropriada por comerciantes para disposição de mesas de bares.

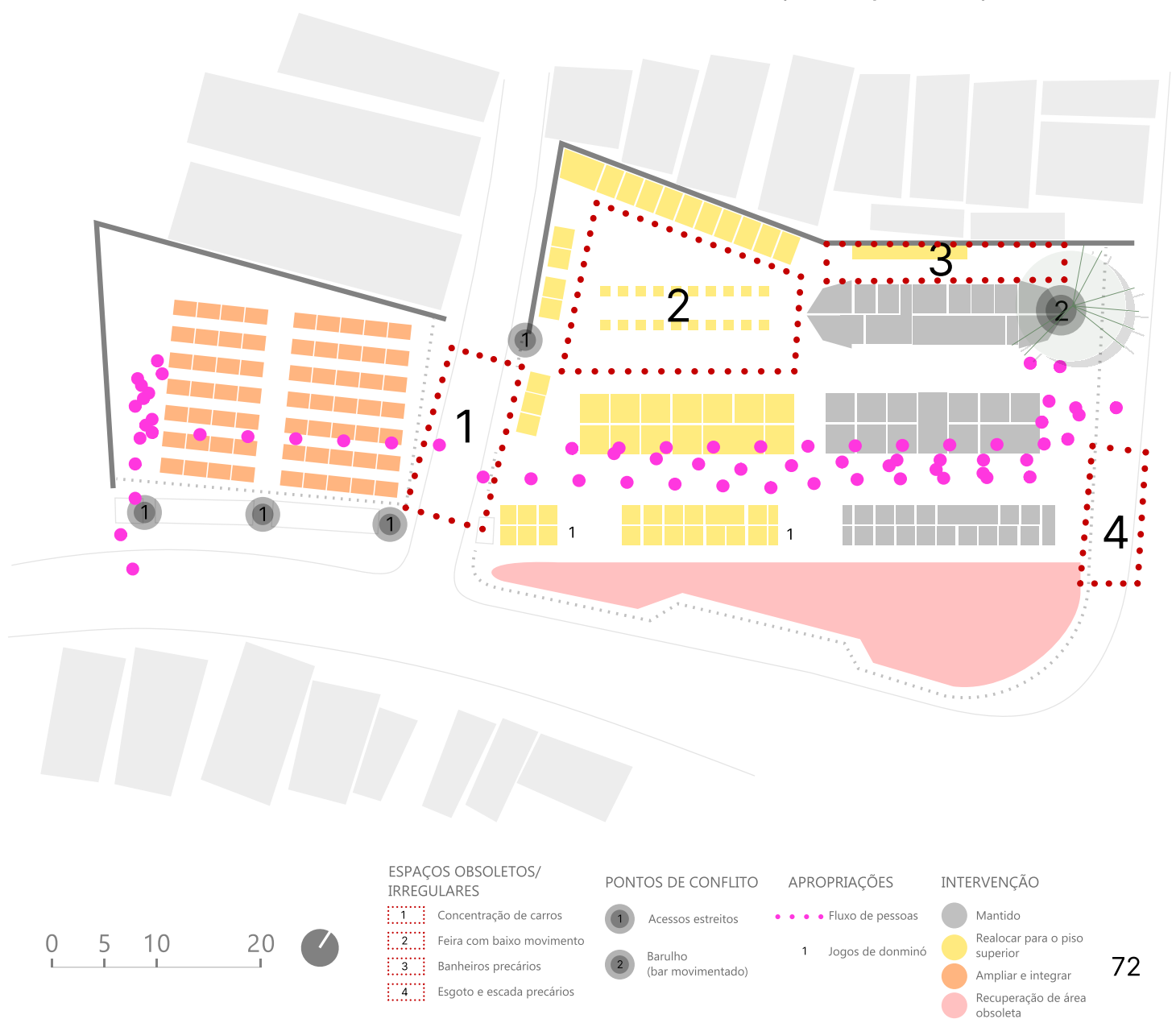


Nos acessos, a adição de construções informais, a precariedade do piso, estacionamento irregular e a ocupação por ambulantes dificulta a entrada e saída de pessoas e o abastecimento dos estabelecimentos. Ademais, a coberta comprometida tem provocado diversas patologias em algumas lojas dos blocos. Ao mesmo tempo, na FNND, a falta de vedação na fachada permite a entrada de intempéries no pavilhão, o que forçou os comerciantes localizados imediatamente a frente a estenderem lonas para proteger os seus produtos.

Além dos problemas relacionados à cobertura e acessos, foi indicado também como a infraestrutura de esgoto está comprometida, principalmente pela quantidade de sanitários não ser suficiente para a demanda do mercado e atender apenas os blocos.

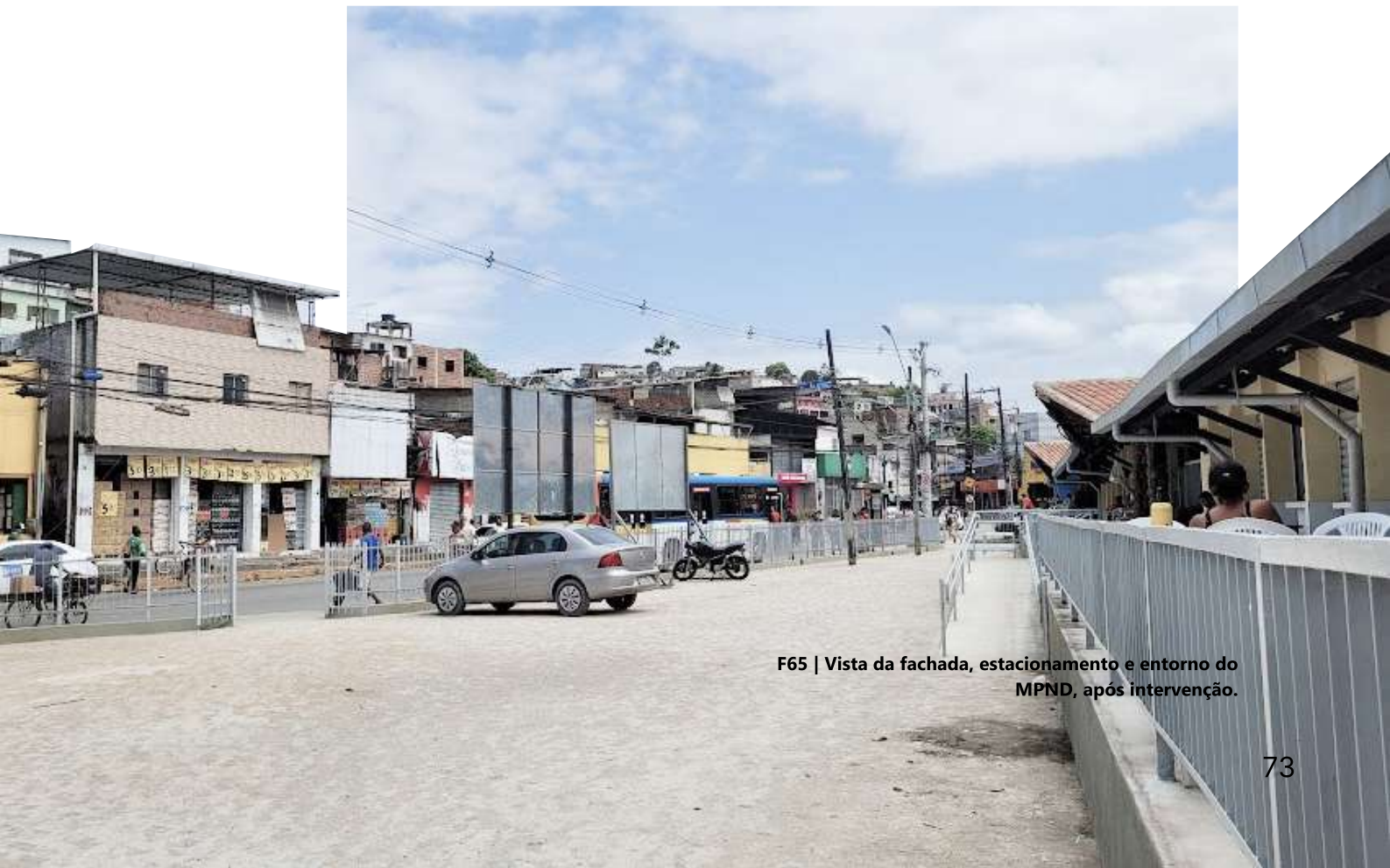
Na área externa, a principal percepção, além da aridez extrema e a poluição sonora do entorno, é o afastamento que o mercado tem da rua, performando uma relação mais passiva com o fluxo de pessoas. O

M05 | Síntese espacial e manejo do estudo.



estacionamento irregular que ocupa a área residual deixada na alocação da feira para o anexo ao lado serve como uma barreira entre as pessoas que passam na calçada e o mercado **(F65)**. Sobra um ambiente hostil e pouco convidativo aos pedestres, principalmente quando a sua fachada principal, voltada para a Rua Nova Descoberta, é ocupada apenas por pequenos bares, escondendo a diversidade de comércios que existem no interior do mercado. É notável como quase todo o acesso acontece pelas laterais, embora o mercado tenha três entradas frontais.

Essas problemáticas indicam diversas oportunidades de reflexões que direcionem soluções arquitetônicas adequadas ao contexto. Esse estudo será apresentado no capítulo seguinte.



F65 | Vista da fachada, estacionamento e entorno do MPND, após intervenção.

6. PROJETO

Por meio de suas feiras ou de edifícios cobertos, esta instituição ainda reconstitui-se nas nossas cidades, como sinais de desordens, confusões, gritos, cheiros violentos e o frescor dos seus produtos. (BRAUDEL, 1985).

Por estar tão relacionado às bases das sociedades, o comércio é um retrato dos processos a qual tem passado. Os aglomerados comerciais, inclusive, como afirmam Araújo e Barbosa, “ultrapassam seu papel comercial, transformando-se, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades congregavam-se estabelecendo laços de sociabilidade” (2004, p. 2).

No entanto, do caráter do abastecimento e troca do excedente produtivo que reforçaram fortes relações comunitárias, o comércio foi tomado pelas práticas de lucratividade e subsistência, sendo considerado até, a medida que se desempenhava de maneiras diferentes, um padrão de comportamento que definia classes sociais. Essa transformação inseriu o comércio em um processo de individualização, como citado, fazendo os recursos humanos, as relações coletivas sociais e culturais serem coadjuvantes.

Apesar disso, não pode-se dizer que o ato do comércio se esvaziou de sentido, muito pelo contrário. Embora a globalização e a crescente supervalorização de marcas condensam e padronizam culturas, além de monetizá-las, o mesmo movimento renova os signos de determinados produtos. A popularização do acesso a internet e a internacionalização de produtos tecnológicos passaram a influenciar massivamente o estilo de vida até de pequenas comunidades. Esse fenômeno redefiniu como se compra e se vende e levou as relações sociais a um nível mais abstrato, principalmente à medida que o comércio online cresce.

A estrutura social, com esse fenômeno recente, foi influenciada por uma série de transformações e segue em experimentações para suprir as necessidades, às vezes flutuantes, que surgiram, provocando um intercâmbio cultural imensurável. Milton Santos, descrevendo como a fragmentação socioespacial definiu a

**A engenharia cai sobre as pedras
Um curupira já tem o seu tênis importado
Não conseguimos acompanhar o motor da
história
Mas somos batizados pelo batuque e
apreciamos a agricultura celeste
Mas enquanto o mundo explode
Nós dormimos no silêncio do bairro
Fechando os olhos e mordendo os lábios
Sinto vontade de fazer muita coisa...**

(Chico Science e Nação Zumbi, 1996)



F66 | Alexandrina e a Sua Cidade. Fonte: Carybé, 1944.

A pintura de Carybé retrata a diversidade de elementos materiais e imateriais e de diferentes religiões que compõem o conjunto de signos do candomblé e da cultura brasileira.

formação da sociedade brasileira, entende que, nesse processo, “em lugar do cidadão, formou-se um consumidor que aceita ser chamado de usuário” (Santos, 2007).

A mesma fragmentação, por outro lado, é também uma forte catalisadora da diversidade cultural quando a segregação é convertida em composição de sobreposição cultural **(F66)**. A partir disso, surgem os mais ricos símbolos que podem se criar em uma sociedade, já que é inerente ao símbolo, do étimo symbol, a confluência, reunião e o embate, conceitos recuperados em sua etimologia. (Pignatari, 2004) Por isso, reinterpretar a feira, não apenas pela sua capacidade econômica e sustentável, mas por ser um habitat de novos símbolos, é extremamente importante em um contexto de fragmentação.

Embora historicamente a evolução dos espaços comerciais definiram uma categorização dos produtos, facilitando a logística de compra e venda, que, em alguns locais, provocou até a criação de regiões de bairros comerciais dedicados a uma única categoria de mercadorias, é o conjunto de diferentes bens que formam a feira. É na sua riqueza, diversidade e contato direto que se encontra o seu maior valor.

A identificação desse valor é o ponto de partida da experiência projetual e eixo fundamental dessa investigação. A intervenção no Mercado Público de Nova Descoberta se desenvolve partindo de um entendimento de que a articulação de bens materiais e

imateriais é a principal função dos mercados públicos. Por isso, considera-se a necessidade de compor espacialmente um ambiente capaz de não apenas possibilitar as transformações comerciais e culturais, mas que sirva de palco potencializador desses fenômenos. A reunião dos bens e das experiências é a base das simbologias culturais. Por isso, é fundamental articular as dinâmicas em uma arquitetura consoante a suas características sociais.

Diante disso, entende-se a necessidade de analisar os elementos que formam a feira. A divisão de um objeto ou conceito em pequenas partes para elaborar e manipular as suas associações é um exercício frequente em vários campos de estudo. Através desse método, pode-se obter diferentes leituras e conclusões pela identificação individual ou a recombinação dos elementos. No trabalho do artista Hélio Oiticica, a decomposição é trabalhada como uma ferramenta de relativização das formas e cores. Proporciona-se ao espectador um esmiuçamento dos objetos permitindo um entendimento mais relativo, individual, plural e principalmente mutável.

A tese desenvolvida pelo artista também aproxima o espectador e o proporciona uma experiência imersiva na sua composição artística. O crítico Mário Pedrosa define a arte de Oiticica como uma convocação ao envolvimento do público em obras que “não mais se concentravam na materialidade da forma e na objetividade da linguagem”, porém



F67 e 68 | Grande núcleo, Hélio Oiticica.

pelo próprio ato artístico e vivo e na ânsia pela arte plena (PEDROSA, 1973 : 143).

Essa capacidade amplia as noções de arte que pode se ter, incorporando todo o ambiente e os agentes no seu processo. O ponto de vista torna-se um aspecto importante no momento da observação, que, na verdade, torna-se participação. Estar de frente torna-se estar dentro, inserido na performance artística. A configuração espacial que as feiras delineiam também performam tamanha imersão. Os elementos arquitetônicos são coadjuvantes ao espaço, pois seu volume, texturas, luz e sombras, cheiros e sons são definidos pelos produtos que compõem a venda.

F69 | Artigos de feira.



Ao mesmo tempo, uma estratégia de projeto do arquiteto Enric Miralles parte de uma análise profunda do espaço através da divisão em partes. O processo de fragmentação das bases que formam o lugar é provocado como método de assimilação das suas características. A partir do elenco dos elementos materiais e imateriais, o arquiteto reinterpreta as suas relações, reorganizando como o espaço se coloca **(F70 e 71)**.

No processo projetual do Mercado de Santa Catarina, a equipe de projeto dirigida por Miralles e Tagliabue reuniram diferentes vestígios de outras formações da edificação que ali existia, um convento e posteriormente um mercado, que compõem um verdadeiro panorama histórico do lugar. A recuperação desses objetos e memórias são artifícios da elucidação projetual a qual está carregada de história e não pode ser negada, no entanto, é considerada como elemento latente do desenvolvimento do lugar.

Discutindo a sobre as intervenções na obra feita no Palacete da Rua Mercaders, os arquitetos expandem a noção de tempo sem criar uma hierarquia entre antes e depois, argumentando que,



F70 | Colagem de Enric Miralles.



F71 | Coberta da Praça Maior, em Paret del Vallés.

“O primeiro erro é que se possa falar de novo e velho. A forma construída tem uma relação complexa com o tempo. Como ao experimentar na nossa casa na rua Mercaders algo parecido a habitar – outra vez – os mesmos lugares. Como se habitar não fosse mais que se mover no tempo de um lugar. O que conseguiu chegar até hoje é atual, útil, contemporâneo. E além do que permite voltar para trás no tempo e seguir em frente.”

(Miralles, 2004)

Esse processo expõe a sobreposição existente nas intervenções, reconhecendo os processos pelos quais passou os ambientes e quais os efeitos do tempo nas edificações.

Aqui, portanto, reúnem-se e articulam-se os símbolos arquitetônicos do lugar e do seu contexto mais amplo dentro de um sistema de espaços comerciais que é tanto municipal quanto global. A inter-relação que o MPND estabelece com a comunidade é tão rica quanto o seu posicionamento diante dos outros centros comerciais da cidade e a hierarquia que eles definem segue uma lógica parecida.

O exercício da recomposição da correlação dos espaços comerciais provoca uma fusão produtora da intensa energia social que é o pulmão do comércio popular. A euforia da rua é o combustível da dinâmica comercial viva e pulsante; é a

densidade e o fluxo que provocam encontros sociais diversos e experiências urbanas ricas, produtoras e reprodutoras de significados e sensações. Essa virtude, sendo reconhecida e potencializada, se propaga e transforma o que antes era segregado em uma rede abundante em relações e apropriação socioespacial **(F72)**, como afirma Silva,

É no lugar que se tem dinamicidade, ocorre a experiência vivida, cheia de conteúdo, onde se faz e refaz o cotidiano, onde acontece a reprodução da vida. (privada, lazer, trabalho). Diante da unicidade aparente, falseia-se o peso do lugar, espaço privilegiado das manifestações, das solidariedades, do cotidiano. Reconhece que é no lugar que a vida se realiza em todas suas dimensões (Silva, 2007, p.6).



F72 | Reimaginação das articulações espaciais e relações sociais de diferentes tipologias comerciais.

É importante citar também como o padrão de ocupação do sítio na qual se insere o MPND é bastante característico. A topografia impõe a estrutura urbana uma organização em cascata e com uma malha e dimensões ordenadoras que viabilize a instalação de residências seja qual for o declive. Essas condições constroem uma malha urbana formalmente centrífuga, apontando para fora do morros **(F73)**. É a bela vista, iluminação e ventilação que se deseja. A paisagem, portanto, é formada pela cadência dos telhados cerâmicos, e alguns de fibrocimento, sobrepostos uns aos outros. O barro que forma o alicerce das comunidades, ou seja, os morros, também as reveste por cima, protegendo-as das intempéries.

F73 | Cadência, escala e estrutura urbana do topo do Alto do Resplendor, em Recife.





Ao mesmo tempo, a edificação original do MPND segue uma modulação e uma sobreposição de cobertas que se insere nesse contexto mimetizando e subvertendo o padrão de composição espacial do seu contexto **(F75)**. A proporção e direção da coberta rompe com as regras espontâneas do entorno, criando um destaque na paisagem. Essa proporção é um forte elemento compositivo do volume do mercado, que impõe um ritmo e uma escala própria.

F74 | MPND inserido no contexto urbano.

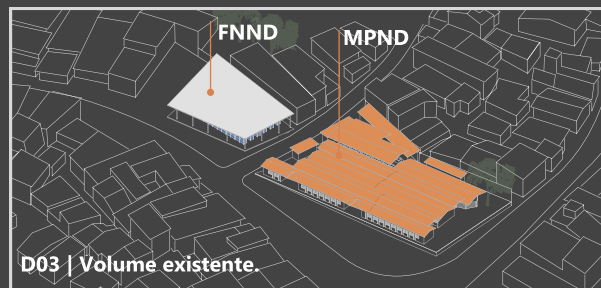


F75 | Fachada do MPND.

6.1. Concepção volumétrica

Atribui-se a essa escala o ponto de partida da composição das massas da intervenção. A redefinição dos blocos, estirados em uma escala linear desproporcional, juntamente com a introdução do pavilhão da Feira Nova, com um sistema construtivo e composição espacial destoante, em uma volumetria integrada espacialmente, desconstrói a relação que as massas tem com o seu entorno. O objeto arquitetônico se liberta de limites estabelecidos por um sistema construtivo rígido e os limites formais e segregadores do lote se dissolvem, permitindo a reimplantação do MPND no sítio.

Para isso, todo o conjunto é dividido em três núcleos. Os blocos lineares são cortados e realocados para uma massa elevada que libera o térreo para se conectar com a rua e o lote ao lado.



A porção da Feira Nova, por sua vez, expande-se, misturando-se e aproximando-se do mercado original. A desintegração espacial e de uso é quebrada pela propagação do pátio da feira através do diálogo íntimo que conecta a rua com o bloco de lojas existentes.

Além da expansão da feira, outra conexão desenvolvida é a alocação das lojas suspensas para o núcleo da antiga Feira Nova. A criação de um piso superior, além de viabilizar o uso gastronômico do mercado, permite o desempenho volumétrico da vitrine, na mesclagem de tipologias, típico das galerias comerciais.

A organização volumétrica recebe mais um ritmo, ao partir da composição fundada no solo, do mercado existente, para a ocupação suspensa leve do piso do mezanino e, por fim, a massa densa formada pelos blocos de loja suspensos no terceiro núcleo. Essa cadência confere uma transição de cheios e vazios que privilegia a experiência espacial e a permeabilidade entre as massas, que se posicionam respeitosamente sem se tornarem coadjuvantes ao vazio.

O encaixe da circulação vertical é feito no momento em que surgem os pontos de convergência, satisfazendo a necessidade de se amarrar o térreo e o superior na mesma intimidade que o exterior com o interior. A fluidez é um princípio fundamental.



D09 | Integração com a FNND.



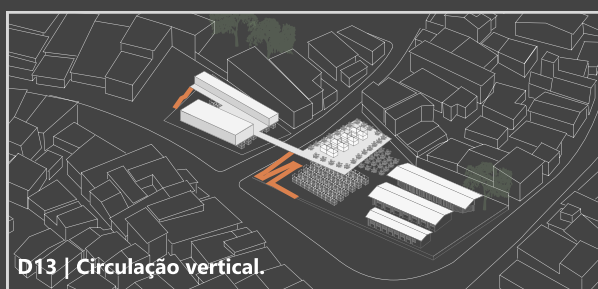
D10 | Expansão da feira.



D11 | Realocação do volume superior.



D12 | Ocupação do mezanino e hierarquia espacial



D13 | Circulação vertical.

A definição plástica do volume, portanto, parte novamente o parâmetro da tripla modulação. A massa retangular resultante do bloco puro é recortada, visando a harmonia com os blocos existentes e as proporções das edificações do entorno. A partir desse recorte, os planos são definidos e recomeçar um ciclo de citações ao projeto do mercado original.

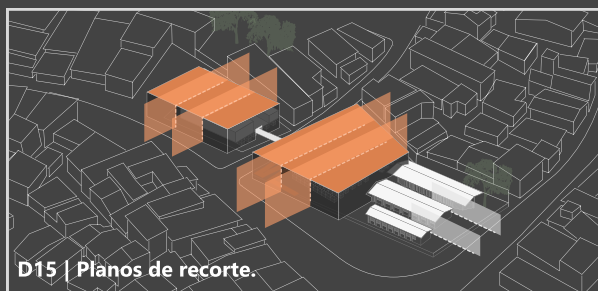
Os planos da fachada se descolam e aproximam-se da rua, convidando o pedestre ao abrigo sob a sombra fresca da coberta, também composta de forma permeável e elementar. O pedestre encontra nos planos um convite para a entrada e, na feira, um ambiente dinâmico e atraente. A aproximação da rua, principalmente quando efetuada pela feira, solidifica a intenção em provocar uma continuidade da ambiência do espaço público.

A cobertura dos blocos, formada pela sobreposição de águas duplas, se desconstrói, e mais uma vez se subverte, quebrando a regularidade que os blocos conferem e adquire a liberdade plástica de compor um efeito irregular, desconstruído, aberto e vazado. Além de efetuar um movimento de abertura na cobertura dos corredores dos blocos, a coberta que compõe a área de mais intensa intervenção instala-se em um paradoxal contraponto harmônico, pois na mesma medida em que contrapõe a direção dos blocos existentes, propõe uma rima plástica nas fachadas de toda a edificação.

Além da performance plástica da coberta, que alcança os blocos



D14 | Volumes puros.



D15 | Planos de recorte.



D16 | Aproximação da rua.

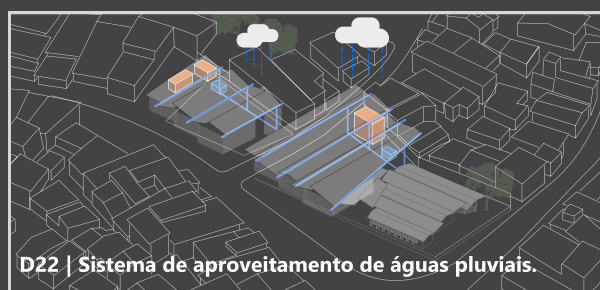
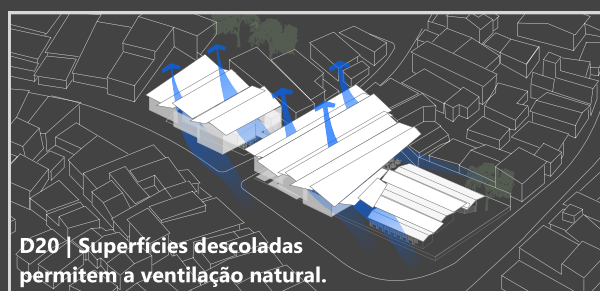


D17 | Integração entre rua e interior do mercado.



D18 | Descolamento da coberta.

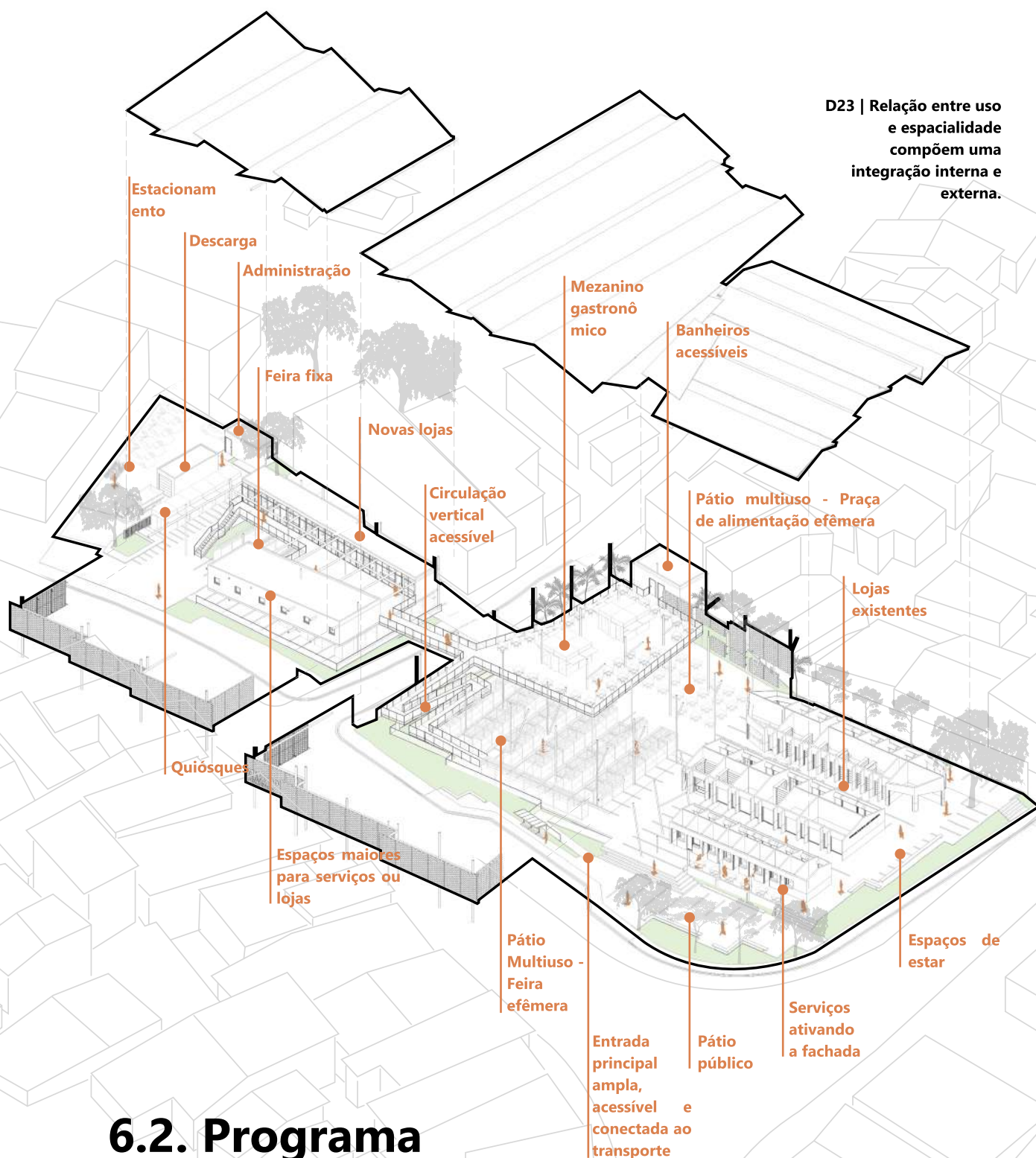
existentes sem modificar sua espacialidade, a composição em planos soltos permite um fluxo adequado de ventilação e iluminação natural, além de facilitar a instalação de tecnologia para produção de energia solar e captação de águas pluviais. A grande demanda energética da edificação é suprida de maneira independente, bem como o volume diário de limpeza das dependências da feira é suprido sem utilizar o sistema de água potável.





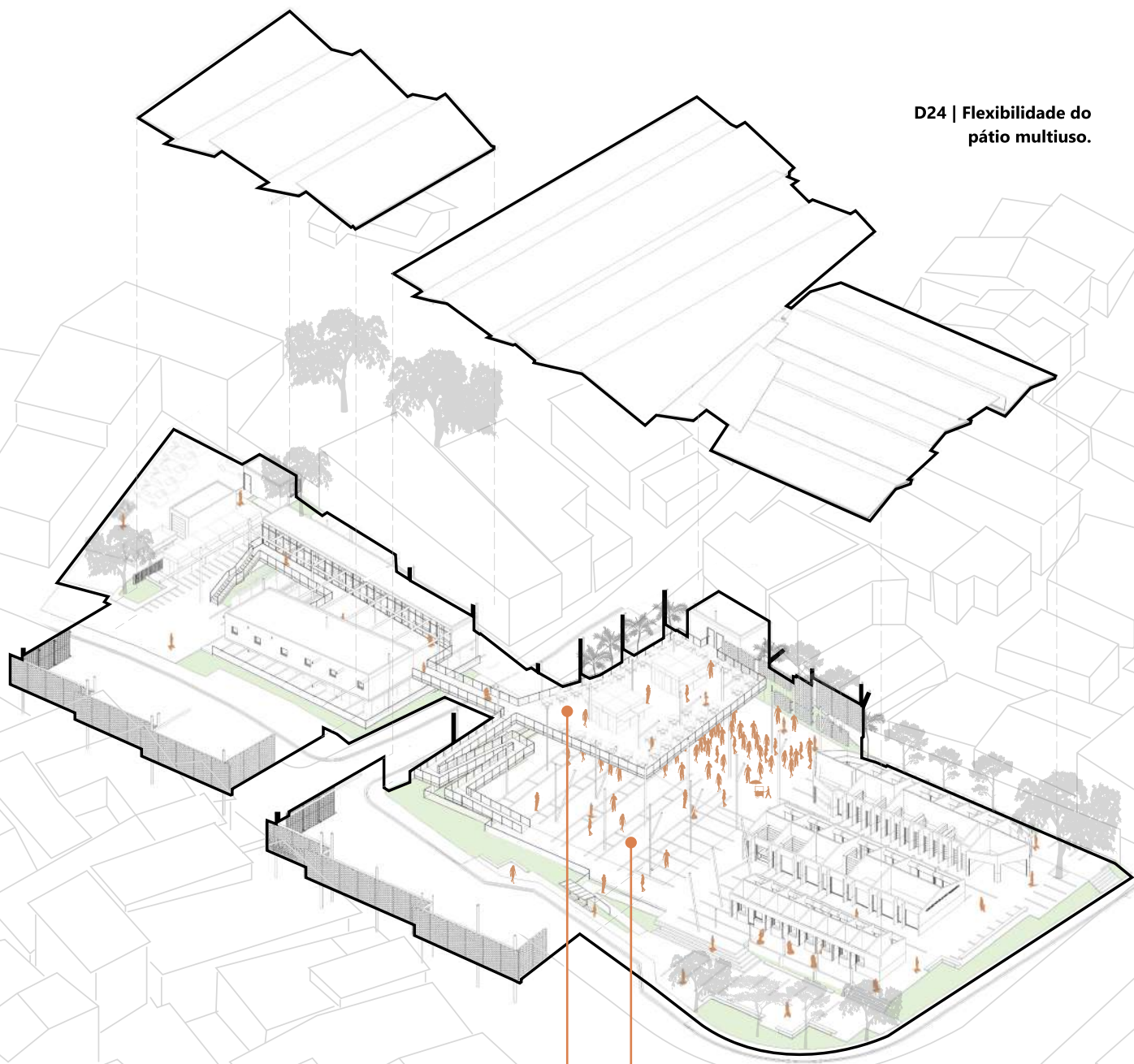
F76 | Integração entre os espaços internos do mercado e o seu contexto.

D23 | Relação entre uso e espacialidade compõem uma integração interna e externa.



6.2. Programa

Um efeito resultante é a disposição de diversos usos correlacionados entre si, reforçando suas conexões e alimentando uma dinâmica espacial rica e em constante mutação. A vida dentro do MPND é um prolongamento da diversidade da cidade, um prolongamento da dinâmica da rua, a definição de atalhos, caminhos e



Pátio Multiuso -
Eventos culturais

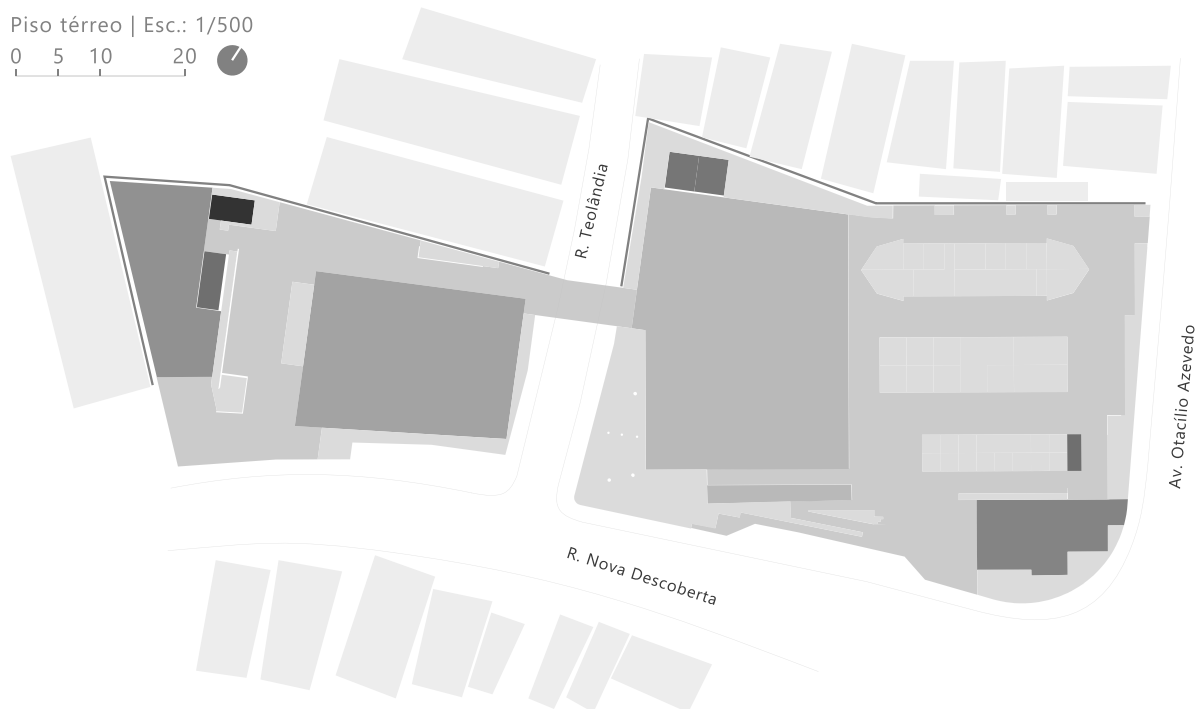
Espaço de depósito das
bancas para utilização do
pátio multiuso

fluxos que colocam o mercado no centro da rua. A sua localização não é mais passiva ao fluxo urbano, mas participante, estabelecendo novas rotas de estar e contemplação que potencializam os comércios, os serviços, as manifestações culturais e a gastronomia local.

M06 e 07 | Zoneamento do Térreo e Superior da proposta.

Piso térreo | Esc.: 1/500

0 5 10 20



Piso superior | Esc.: 1/500

0 5 10 20



Legenda

1	Pátio público	128,7m²	5	Loja existente	342,3m²	8	Administração	13,7m²	11	Loja criada	86,03m²
2	Acesso, estar e quiosques	1609,7m²	6	Banheiros	56,06m²	9	Estacionamento	201,5m²	12	Sala multiuso	107,7m²
3	Feira fixa	441,2m²	7	Apoio	22,54m²	10	Jardim	592,1m²	13	Mezanino	304,2m²
4	Pátio multiuso	807,7m²									



F77 | Diferentes formas de comercialização interagem no interior do mercado.

6.3. Elementos arquitetônicos - Guia do piso

A partir da força da modulação dos blocos existentes, expressa nos planos que se projetam para a frente das lojas, surge o delineado **(F78)** que orchestra as bancas da feira. Nesse sentido, tanto a feira fixa quanto a móvel é auxiliada na organização espacial das bancas e demais eventos que possam acontecer.

A intenção de se conectar simbolicamente as duas espacialidades é reforçada pelo elemento que provoca o entrelaçamento da estrutura existente, mais fechada e sólida, com a proposta, aberta, livre e flexível. O ambiente é integrado de forma harmoniosa permitindo as diferentes formas de ocupação.



F78 | Interligação entre o bloco de lojas e a feira.

6.4. Elementos arquitetônicos - Estrutura

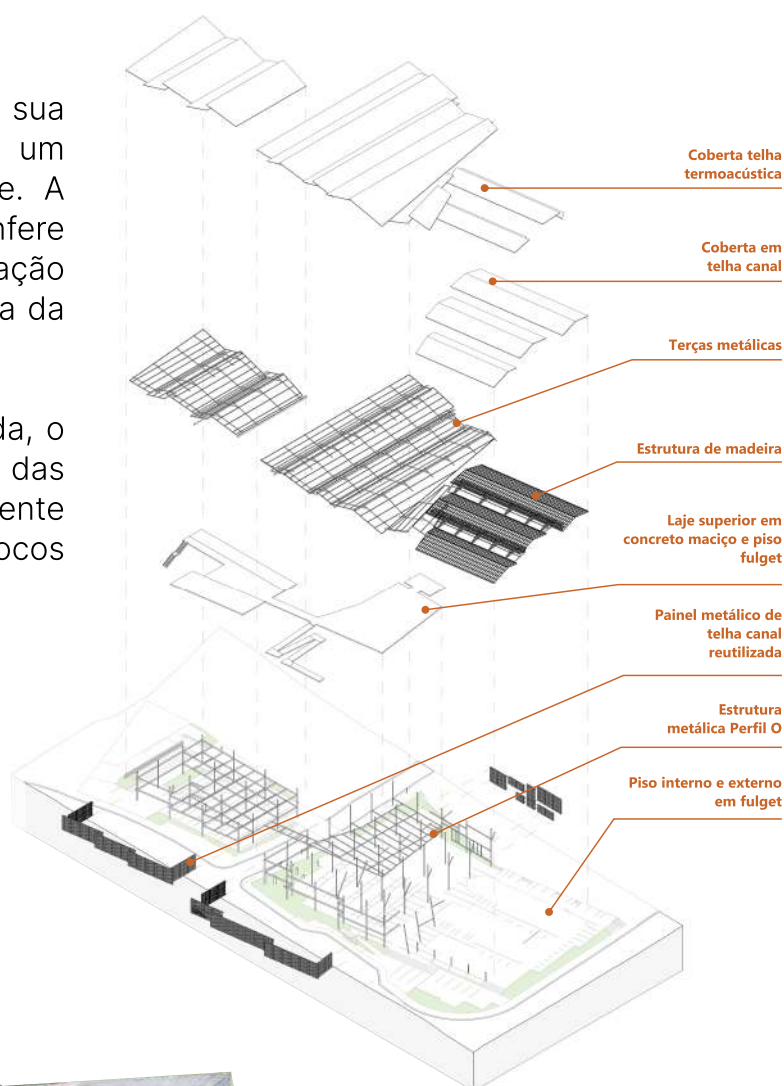
A nova estrutura é metálica para conferir a adequada leveza e solidez que o partido almeja. Além disso, compõe-se também uma linguagem construtiva consoante com a plasticidade dos blocos existentes. Inspirado também na obra do Estande de Tiro Olímpico, de Miralles e Pinos **(F79)**, as cobertas antigas e novas se integram a maneira que são compostas por planos separados.

O piso fulget é escolhido pela sua durabilidade e também por ser um material já conhecido localmente. A sua popularidade confere familiaridade e facilidade de aplicação e manutenção ao decorrer da vida da edificação.

O elemento adicionado na fachada, o painel vazado, protege o interior das intempéries e compõe formalmente mais uma conexão com os blocos existentes.



D25 | Materiais e sistemas construtivos



D26 | Diagrama explodido estrutural

F79 | Estande de tiro com arco olímpico



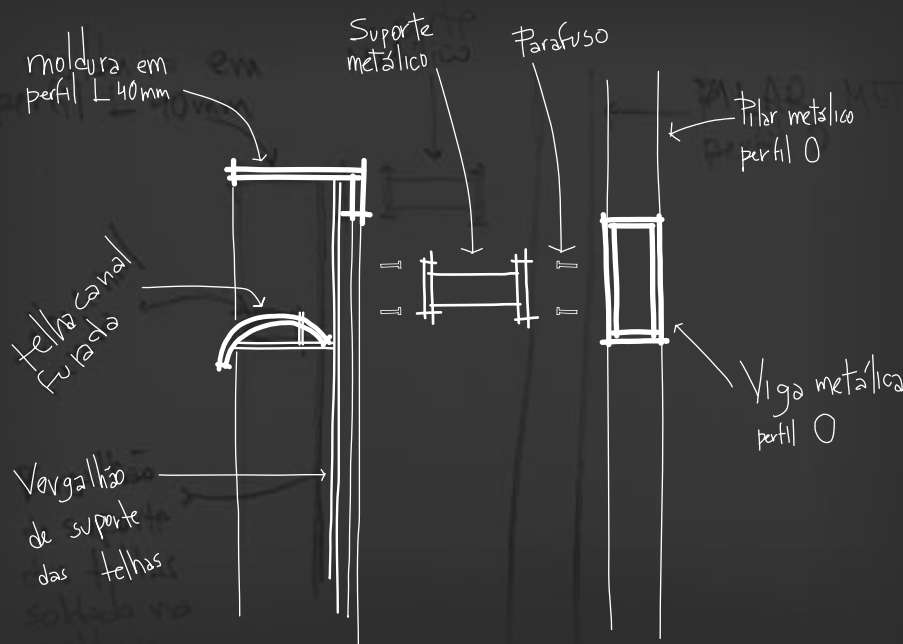
6.5. Elementos arquitetônicos - Painel Vazado

Formado por telhas de cerâmicas, o plano retangular da cobertura dos blocos existentes desenvolve um forte atributo da composição da fachada da edificação. Por isso, escolhe-se compor a fachada nova com painéis de forma a ressignificar a usabilidade do material existente.

O painel que compõe as fachadas dos núcleos 2 e 3 protege as dependências internas do Mercado conferindo devida permeabilidade. **(F80)** A intenção é criar uma pele protetora que provoque a comunicação espacial entre o interior e o exterior, entre a tipologia antiga e a nova e entre os sistemas construtivos.

F80 | Painel da fachada.

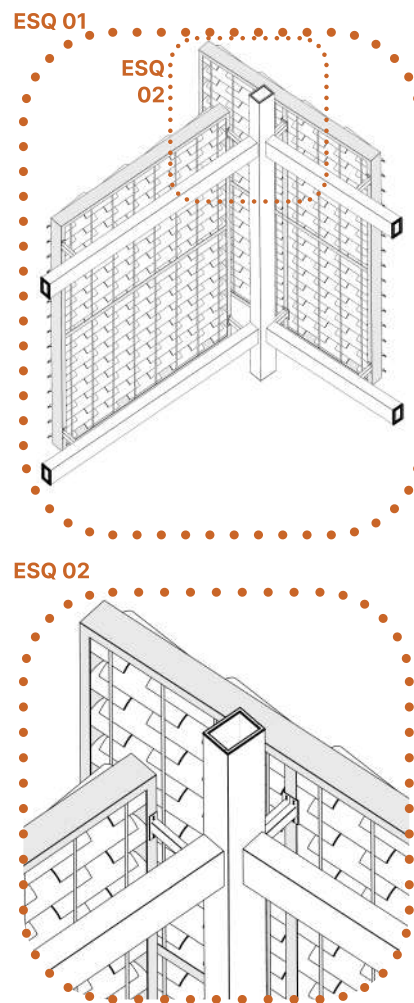
F81 | Sobreposição de desenhos a mão de detalhe do painel.



Por isso, a estrutura metálica dá suporte a uma disposição nova das telhas, que recompõe o plano retangular do telhado dos blocos existentes.

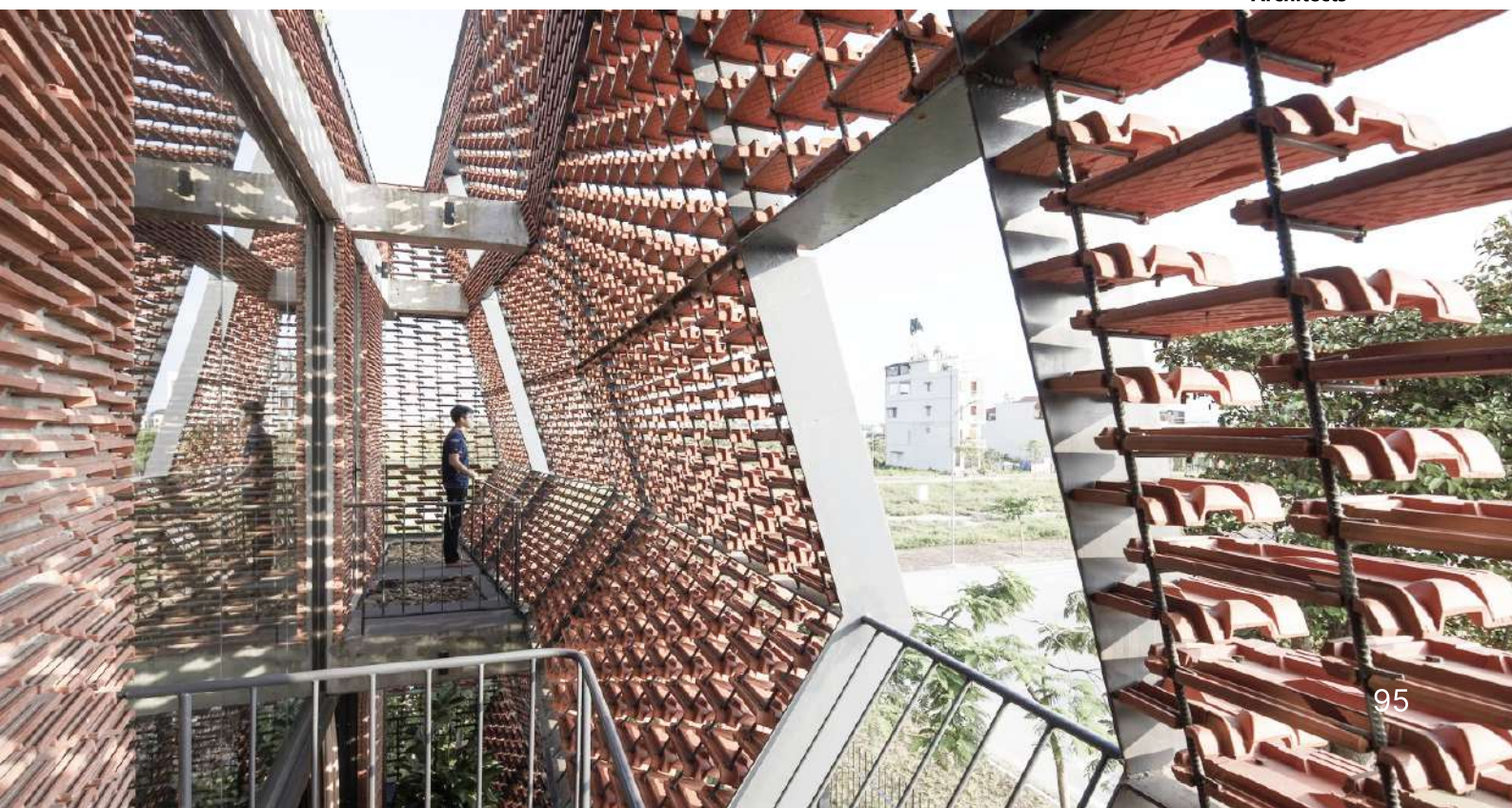
Inspirada no projeto do escritório H&P Architects, a Tile Nest House (**F82**), as telhas cerâmicas são furadas e encaixadas em uma arranjo de vergalhões metálicos que, por sua vez, são soldados em um quadro metálico em perfil L (**F81**), modulado conforme as extensões das fachadas.

Essa distribuição das telhas prolonga a vida útil do material e integra as edificações mesclando as materialidades, técnicas construtivas e momentos históricos.



D27 | Esquemas 01 e 02 da interface do painel vazado com a estrutura metálica.

F82 | Painel vazado da Tile Nest House, por H&P Architects



6.6. Perspectivas



F83 | Fachada leste.



F84 | Vista lateral.



F85 | Vista lateral.



F86 | Esquina com das ruas Nova Descoberta com
Teolândia.



F87 | Fachada da R. Nova Descoberta.



F88 | Fachada da R. Nova Descoberta.





F91 | Pátio Multiuso.



F92 | Passarela suspensa.



F93 | Pátio Multiuso visto do mezanino.





F97 | Entrada principal.



F98 | Lateral da fachada oeste.



F99 | Lateral da fachada sul.



F100 | Vista geral.

7. CONSIDERE RAÇÕES FINAIS

A elaboração do presente trabalho suscita uma discussão relevante a arquitetura contemporânea, diante das segregações socioespaciais que foram produzidas nas cidades. Esse eixo, portanto, é uma concepção social contínua e deve se prolongar nas cidades enquanto políticas públicas eficazes não redirecionarem a produção do espaço brasileiro.

O projeto de intervenção no MPND explora uma alternativa consoante com a arquitetura e demandas locais e globais relacionadas a tipologia e uso da edificação. A sustentabilidade é um fator fundamental e, por isso, destacam-se as diretrizes de fomento ao desenvolvimento econômico; recuperação da cobertura vegetal e das dinâmicas sociais consolidadas e elementares; fortalecimento dos signos arquitetônicos locais; introdução de tecnologias para a autossuficiência de recursos energéticos e sanitários; bem como incentivo a cultura, bem estar e convivência.

Esses preceitos, somados a elucidação de temas históricos e identificação de intenções espaciais *in loco*, permitiram a criação de uma proposta sistematizadora dos

elementos passados e atuais, materiais e imateriais, individuais e coletivos, locais e globais.

Visto que a fragmentação é um caráter presente nas sociedades e, por isso, nas cidades, a articulação das frações é uma função necessária ao exercício da arquitetura e urbanismo; ou seja, o uso da arquitetura antes como promotora de encontro, relações, vivências, bem-estar e justiça social. Uma arquitetura pós-sociedade. Uma arquitetura consciente das mazelas sociais e posta a facilitar sua desconstrução.

Nesse sentido, ponderar um reposicionamento dos elementos, sejam eles sociais ou arquitetônicos, conciliando suas atuações, é o grande mote da investigação, principalmente reconhecendo como o delineamento espacial pode ser uma ferramenta de transformação social.

8. REFE RÊN CIAS

ALEIXO, Cynthia Augusta Poletto. **Edifícios e galerias comerciais: arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60.** 2005. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) - Escola de Engenharia de São Carlos, University of São Paulo, São Carlos, 2005. Acesso em: 09 set. 2023;

Almir Fernando festeja melhoria no mercado de Nova Descoberta. **Prefeitura do Recife.** Recife, 2013. Disponível em: <<https://www.recife.pe.leg.br/comunicacao/noticias/almir-fernando-festeja-melhoria-no-mercado-de-nova-descoberta>>. Acesso em: 04 set. 2023;

ARAÚJO, Maria do Socorro Pedrosa de. **O comércio informal no centro expandido do Recife.** Cadernos de Estudos Sociais – Recife, v. 27, n. 1, p. 29-48, jan./jun., 2012;

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão e BARBOSA, Letícia Rameh. **Feira, lugar de cultura e educação popular.** In: Revista “Nova Atenas” de Educação Tecnológica. Volume 07, Número 02, jul/dez/2004. Disponível em: <www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais>. Acesso em: 05 set. 2023;

Arquitectura – Rehabilitación del Mercado de Santa Caterina. **Boletín de Información Técnica.** n. 230, pp.6-9, julho/agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.infomadera.net/images/19208.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2023;

BOMPASTOR, Sylvia Couceiro. **Cidade moderna x trabalho urbano: a questão do comércio ambulante no Recife nos séculos XIX e XX.** In: Caderno de Estudos Sociais, Recife, v. 10, n. 1, p. 25-40, jan-jun. 1994;

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983;

Editoria Cidades. **Prefeitura vai retirar barracas em volta do Mercado de São José**. Jornal do Comercio, Recife, 2019. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2019/08/29/prefeitura-vai-retirar-barracas-em-volta-do-mercado-de-sao-jose-386854.php>>. Acesso em: 04 set. 2023.;

FUÃO, Fernando Freitas. **O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? – 1ª parte**. Arquitextos, São Paulo, ano 04, n. 048.02, Vitruvius, maio 2004 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/582>>. Acesso em: 25 ago. 2023;

GALDINO, D. **Nova Descoberta: Recortes dos Territórios e Territorialidades em um Bairro da Cidade do Recife**. Web Artigos, 2010. Acesso em: 13 ago. 2023;

GIROTO, Ivo Renato. **Genius loci. Monumento e transformação urbana na obra de Fábio Pentead**. Arquitextos, São Paulo, ano 11, n. 124.06, Vitruvius, 2010;

JUCÁ, G. N. M. **O processo de urbanização e crescimento urbano do Recife**. Revista do Instituto do Ceará, p. 126-152, 2004;

MASCARENHAS, Gilmar. **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. p.72-87. Ateliê Geográfico. UFG – IESA, v.2, n.2. Goiânia, 2008;

MELLO, Evaldo Cabral de. **A fronda dos mazombos: nobres contra mascates. Pernambuco, 1666-1715**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2003;

MOREIRA, Fernando Diniz. **A Transformação do Bairro de Santo Antônio no Recife (1938-1949)**. Anais do XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. São Carlos: IAUUSP, 2016;

NOBREGA, Maria de L. C. C. **Todo caminho dá na venda: a influência do comércio de varejo nas transformações físicas do espaço urbano. Os bairros do Recife, Santo Antônio e São José, 1970-2006.** 2008. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008;

PEDROSA, Mário. **Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica.** Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1966. Transcrito também em Arte em Revista – Pós Moderno. São Paulo: Centro de Estudos de Arte Contemporânea, ano 5, n.7, agosto de 1973;

PIGNATARI, Décio. **Semiótica da arte e da arquitetura.** 3a ed. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 160, 2004;

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** 7 ed. p. 25, São Paulo, Edusp, 2007;

SILVA, Mary Anne Vieira. **Cotidiano e Lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino.** Anais: II EDIPE - II Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino. 04 a 06 de novembro de 2007 – Anápolis – GO. p. 6. Disponível em: <<http://www.ceped.ueg.br/anais/IIedipe/pdfs/cotidianoelugar.pdf>> Acesso em: 05 ago. 2023;

SILVA, Wagner Carlos da. **À flor das águas: a imagem do Recife em Josué de Castro.** 2015. 168 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. apud Recife: cidade desigual. Revista Carioca, 15/02/1936;

VARGAS, Heliana Comin. **Comércio e Cidade: uma relação de origem.** 2000. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/deprojeto/labcom/produtos/200_vargas_comerciocidadereleacaorigem.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2023;

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio.** São Paulo: SENAC. Acesso em: 02 set. 2023;

XIX e XX. In: **Caderno de Estudos Sociais**, Recife, v. 10, n. 1, p. 25-40, jan-jun. 1994;

ZANCHETI, Silvio; MARINHO, Geraldo; LACERDA, Norma (Org.). **Revitalização do Bairro do Recife. Plano, regulação e avaliação.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.

9. CADERNO DE DESENHOS

Legenda

- 1 - Pátio Público

2 - Estar e acesso

3 - Feira fixa

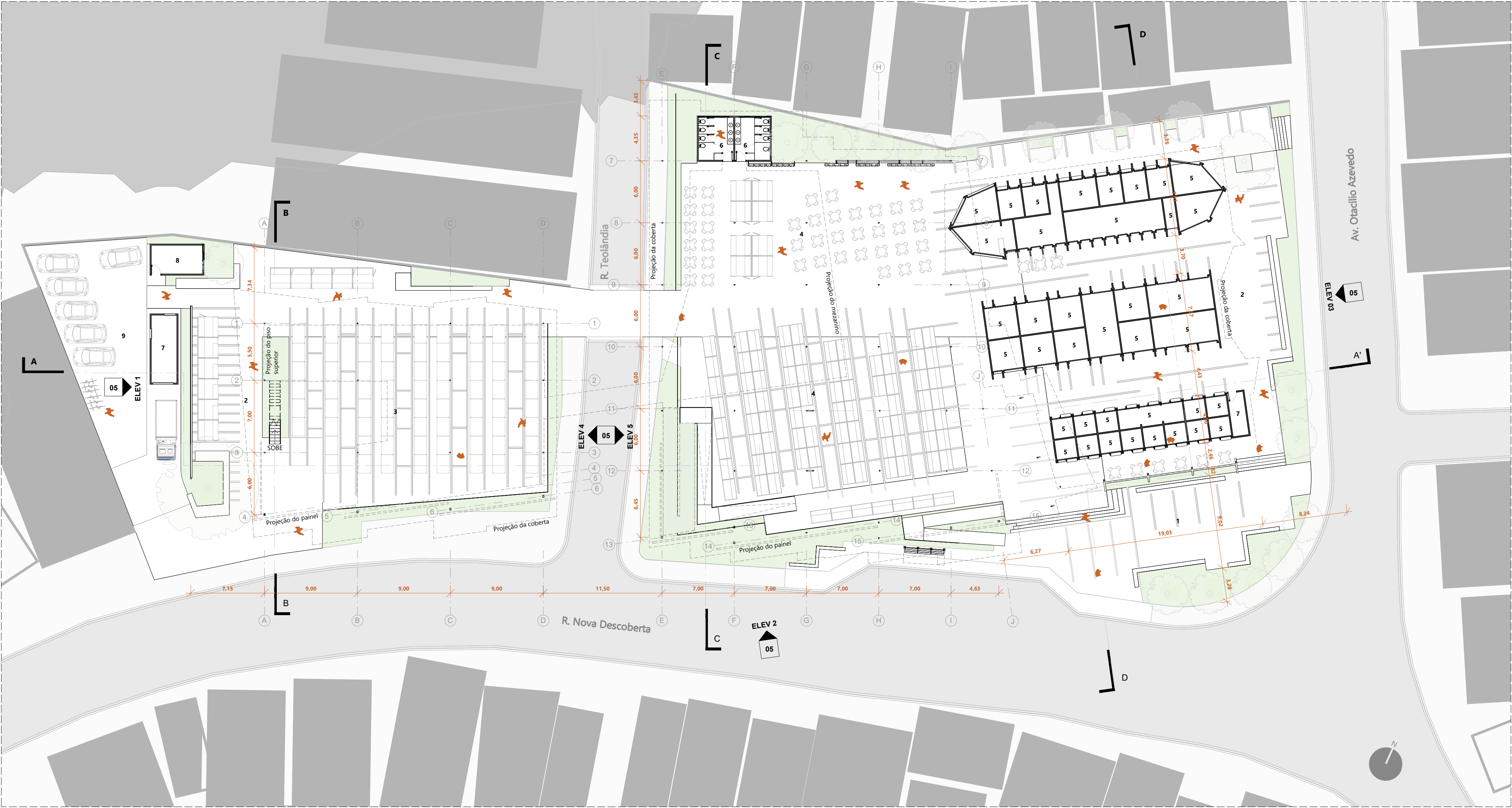
4 - Pátio multiuso
- 5 - Loja existente

6 - Banheiros

7 - Apoio

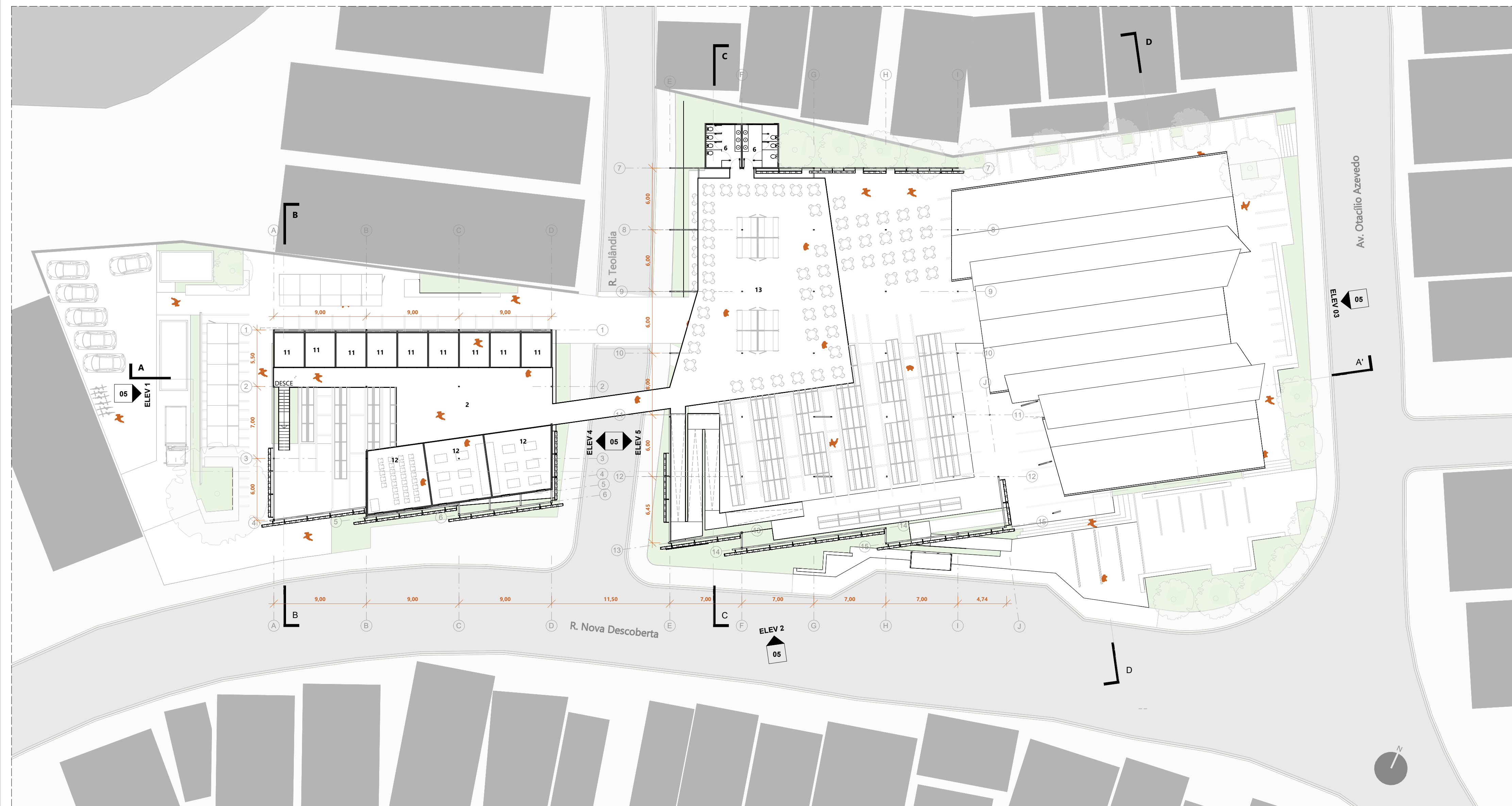
8 - Administração
- 9 - Estacionamento

10 - Jardim

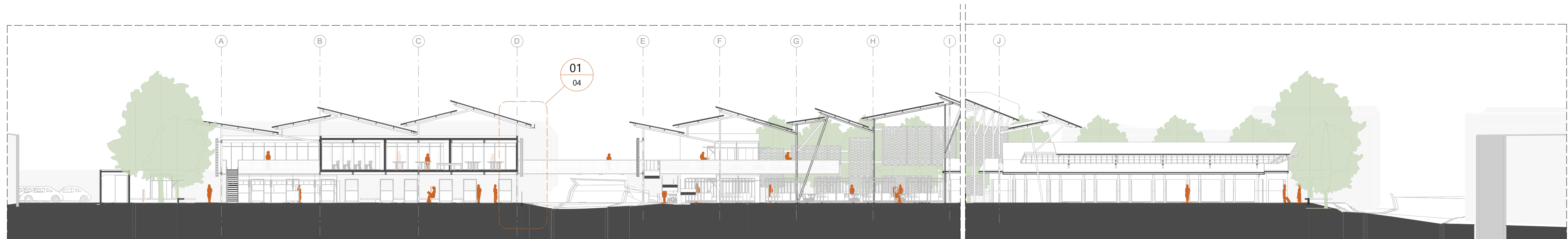


Legenda

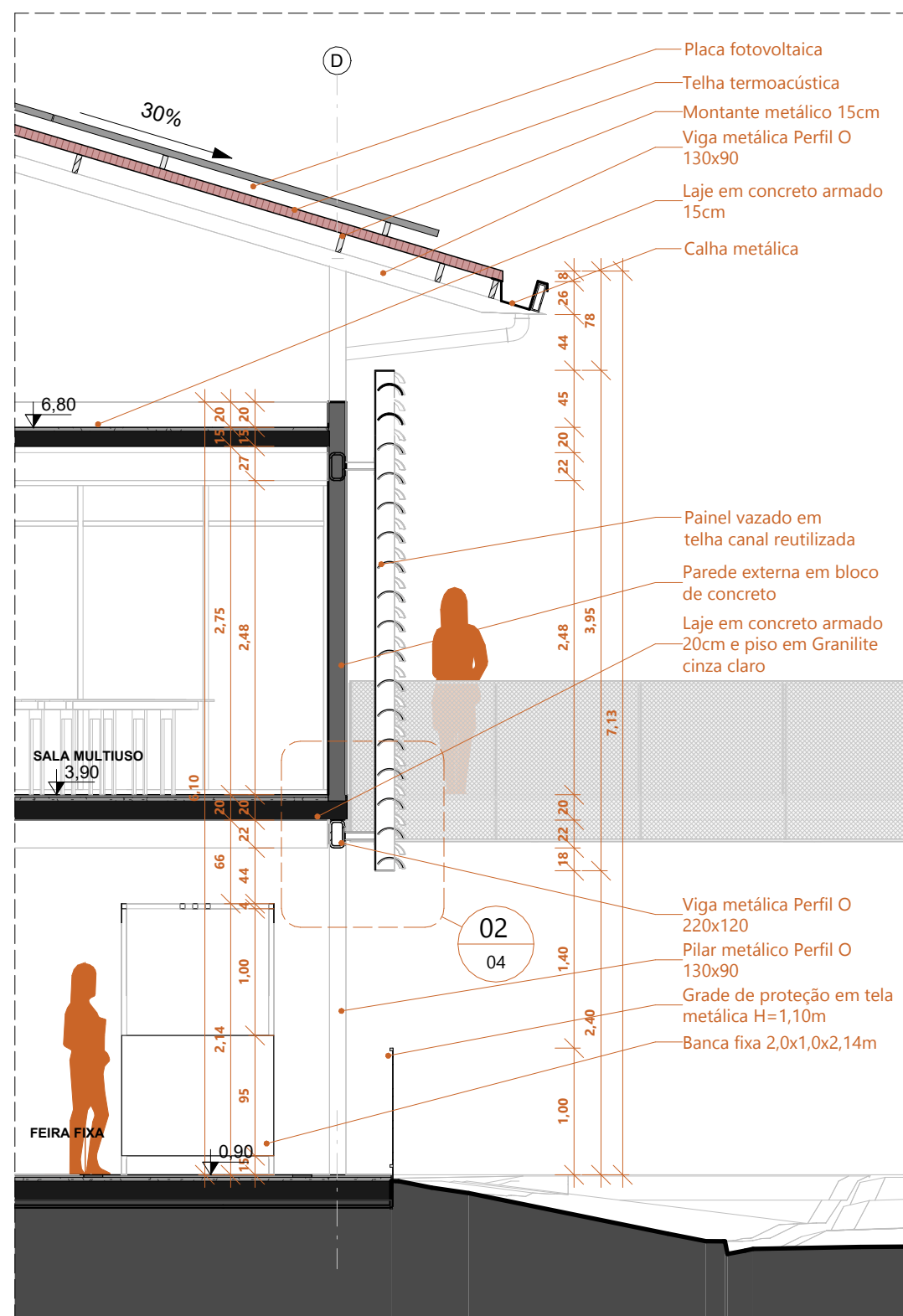
- 2 - Estar e acesso
- 6 - Banheiros
- 11 - Loja criada
- 12 - Sala multiuso
- 13 - Mezanino



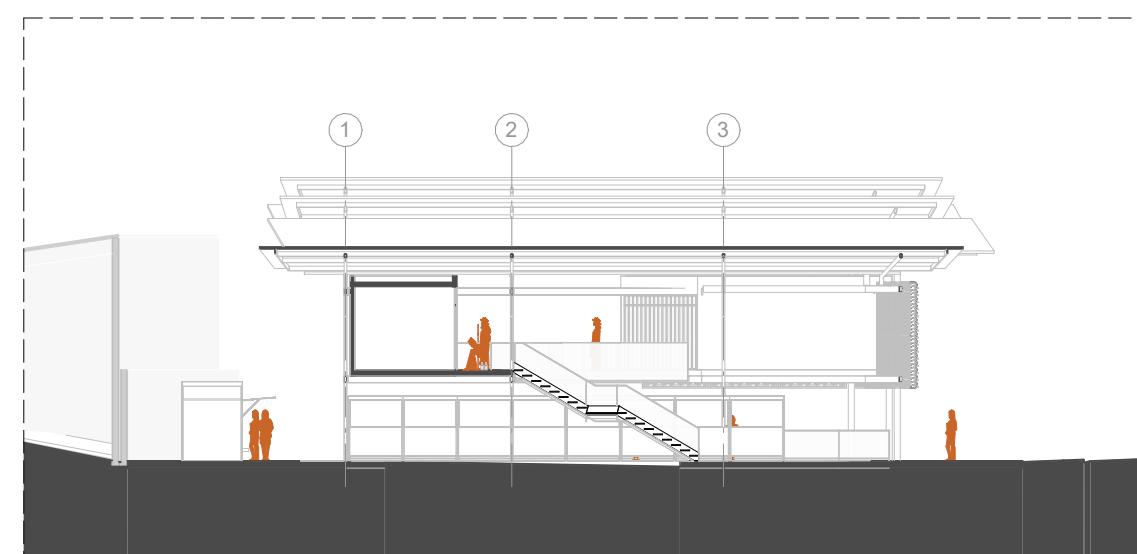


**CORTE AA**

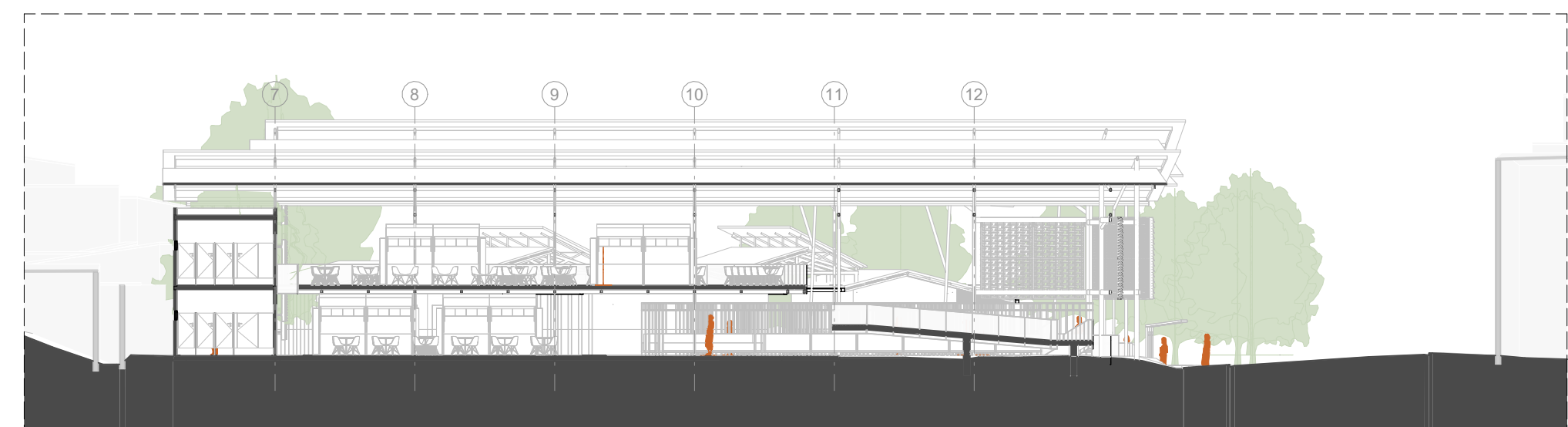
ESC:1 : 250

**DET 1: Perfil da fachada**

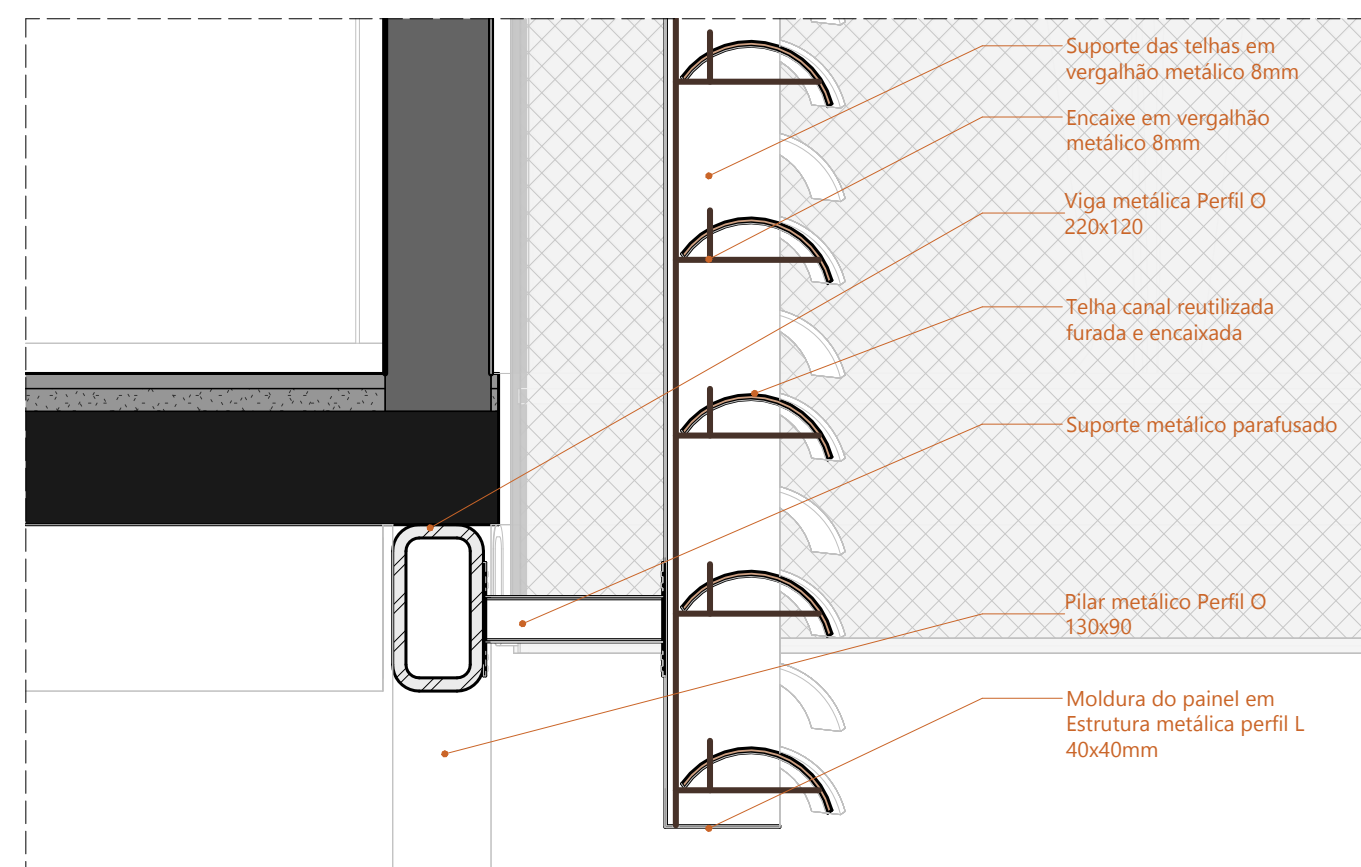
ESC: 1 : 50

**CORTE BB**

ESC:1 : 250

**CORTE CC**

ESC:1 : 250

**DET 02: PAINEL VAZADO**

ESC: 1 : 10

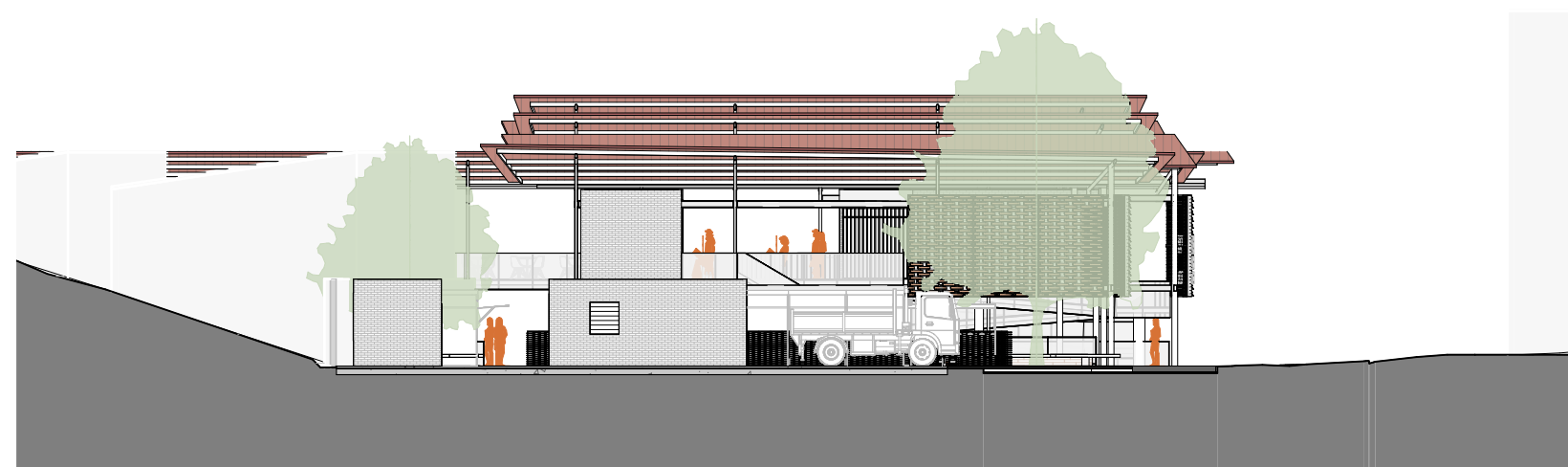
**CORTE DD**

ESC:1 : 250

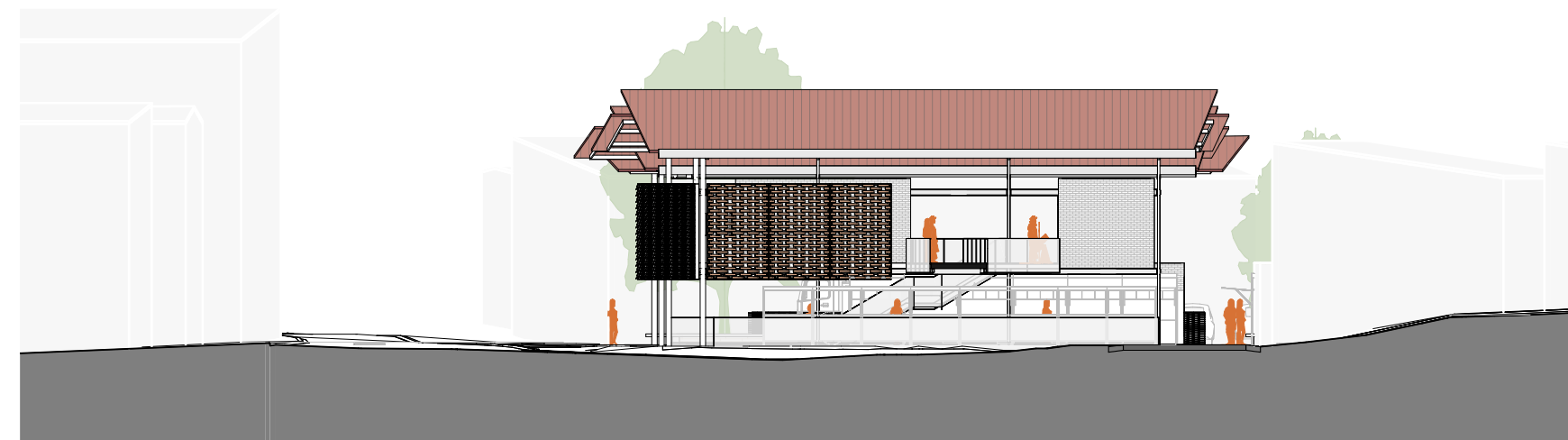
05/05

Fonte: Autor, 2023.

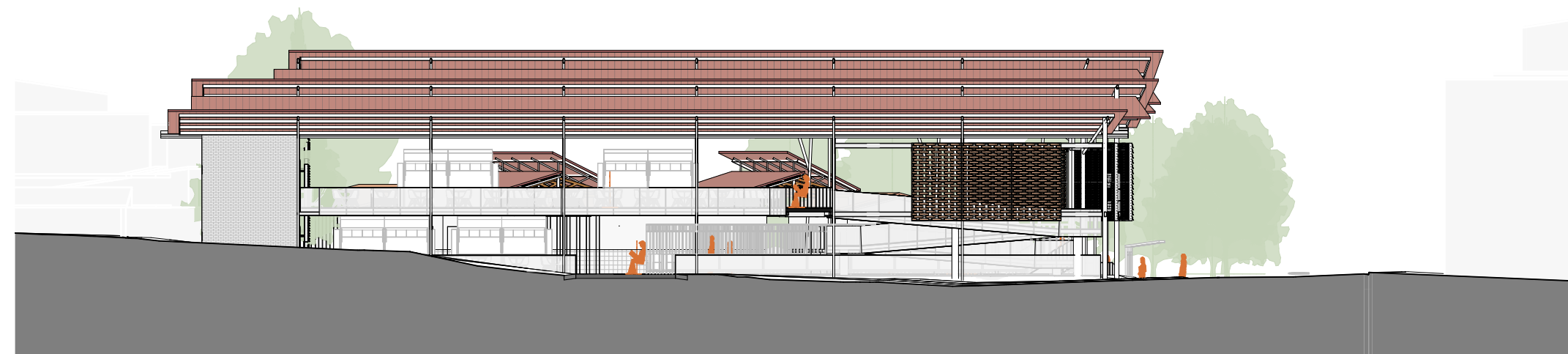
FACHA DAS



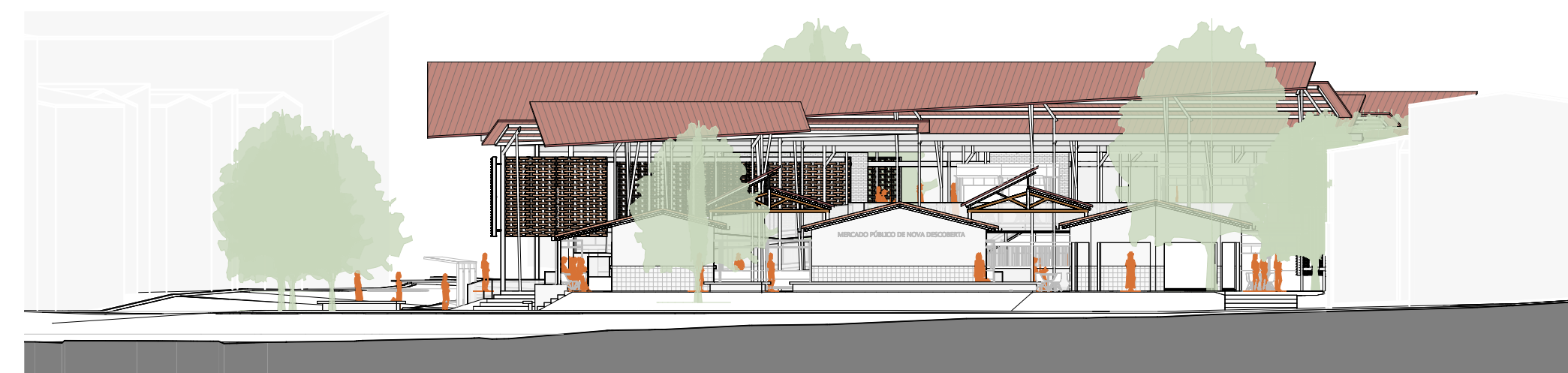
ELEVÇÃO 1
ESC:1 : 250



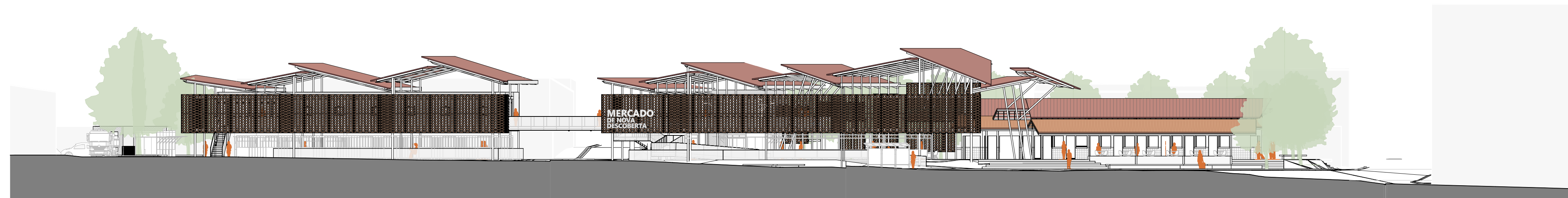
ELEVÇÃO 4
ESC:1 : 250



ELEVÇÃO 5
ESC:1 : 250



ELEVÇÃO 3
ESC:1 : 250



ELEVÇÃO 2
ESC:1 : 250